



**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DE ACONSELHAMENTO**

**Violência Doméstica: Uma realidade Transversal a todos**

Relatório de Estágio para a obtenção de grau Mestre em Psicologia Clínica e de  
Aconselhamento

Autora: Ana Rita Alves Maçorano

Orientadora: Professora Doutora Paula Cristina Magalhães Pires Carvalho

Número da candidata: 20150166

Outubro de 2018

Lisboa

## **Agradecimentos**

Ao longo de todo este percurso, com muitos altos e baixos que parecia não ter fim ... não sei se consigo exprimir por palavras todos os sentimentos que estou a sentir, sem vós não seria possível, apenas quero agradecer, um muito Obrigado:

À minha família por toda a sua paciência, por todo carinho e incentivo para que levasse esta etapa a bom termo.

Ao Bruno, por ser a pessoa que é, pela sua disponibilidade e por nunca me deixar desistir de alcançar os meus sonhos.

Às minhas queridas amigas que foram essenciais ao longo de todo este percurso académico, que tantas vezes me deram na cabeça, pelo seu apoio incondicional sempre, à Ângela, à Inês, à Marina e à Marisa, que são como irmãs, eternas companheiras.

À Professora Doutora Paula Pires pela sua empatia, disponibilidade e paciência para comigo.

A todos os professores que ao longo deste percurso académico na UAL tanto me ensinaram e por se terem tornado numa grande família para mim.

A todos aqueles que se cruzaram no meu caminho, quer aos meus colegas de trabalho, de turma e mesmo a todos aqueles que conviveram e que tive a maior satisfação de trabalhar.

A todos dentro da instituição, que me acolheu o melhor possível e aonde fiz verdadeiros amigos.

Muito grata pela vossa presença em todos os momentos, aprendi muito e cresci enquanto pessoa e profissional!

“Muitos dos que convivem diariamente com a violência assumem-na como uma parte intrínseca da condição humana. Não tem que ser assim. A violência pode ser evitada. As culturas violentas podem ser mudadas. Os governos, as comunidades e os indivíduos podem fazer a diferença” (Mandela, N. in Prefácio do Relatório sobre a Violência e Saúde (OMS, 2002)).

## **Resumo**

Desde sempre que a violência é uma preocupação das várias sociedades, não só no que diz respeito ao seu significado, como às formas de lidar com a mesma. Anteriormente, o foco incidia nos agressores e na sua punição, ao longo do tempo tem-se verificado a existência de uma maior preocupação com as vítimas de violência e com os efeitos nelas provocados.

A legislação tem vindo a ser revista e alterada, tendo em vista a criação de diversas associações que promovem o apoio às vítimas de violência, tal como os seus direitos enquanto vítima, sendo a Psicologia essencial para atuação nesta área, estando presente na maioria das instituições de apoio à vítima.

O estágio curricular foi realizado numa instituição do distrito de Lisboa, cuja função é o apoio a vítimas de violência, sendo o ponto central deste trabalho a violência doméstica entre casais homossexuais e heterossexuais.

Ao longo do trabalho serão expostas diversas definições de alguns dos conceitos, segundo a revisão de literatura efetuada, que são pertinentes para o entendimento desta temática, tais como violência, vítima, violência doméstica, explicação do ciclo de violência doméstica e a abordagem do Modelo Ecológico de Violência.

Na última parte do trabalho, serão expostos dois casos de violência doméstica. O primeiro será o acompanhamento de um homem vítima de violência por parte do seu companheiro, e o segundo, o de uma mulher vítima de violência por parte do seu companheiro. Por fim, será ainda efetuada uma síntese de todo o trabalho realizado na instituição em que decorreu o estágio.

**Palavras-Chave:** Violência; Violência Doméstica; Ciclo de Violência; Modelo Ecológico de Violência.

## **Abstract**

Violence has always been a concern of the various societies, not only in terms of their meaning but also in their ways of dealing with it. Previously, the focus was on the perpetrators and their punishment, over time there has been a greater concern with the victims of violence and with the effects, they cause.

The legislation has been revised and amended, for the creation of several associations that promote support to victims of violence, as well as their rights as a victim, Psychology is essential in this area, being present in most institutions to support the victims.

The curricular internship was carried out in an institution of the district of Lisbon, where its purpose is the support of victims of violence, the core of this work is the domestic violence between homosexual and heterosexual couples.

Throughout the paper, several definitions of some of the concepts, according to the literature review, that is pertinent to the understanding of this theme, such as violence, the victim, domestic violence, explanation of the domestic violence cycle and the Model approach Ecological of Violence.

In the last part of the study, two cases of domestic violence will be exposed. The first will be the follow-up of a man victim of violence by his partner, and the second is that of a woman victim of violence by his partner. Finally, a summary of all the work carried out in the institution where the internship took place will also be made.

**Keywords:** Violence; Domestic violence; Cycle of Violence; Ecological Model of Violence.

## Índice

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                         | 1  |
| I Parte – Enquadramento Teórico .....                                   | 2  |
| 1.1. Contextualização do local de estágio .....                         | 2  |
| 1.1.1. Papel do Psicólogo Clínico na instituição.....                   | 3  |
| 1.2. Conceitos teóricos relativos à temática da Violência.....          | 8  |
| 1.2.1. Violência .....                                                  | 8  |
| 1.2.2. Vítima .....                                                     | 10 |
| 1.2.3. Estatuto de vítima .....                                         | 11 |
| 1.2.4. Modelo Ecológico da Violência .....                              | 11 |
| 1.2.5. Determinantes de Género.....                                     | 17 |
| 1.2.6. Transgeracionalidade e Violência.....                            | 20 |
| 1.2.7. Conceito de Violência Doméstica.....                             | 22 |
| 1.2.8. Violência Doméstica em Casais Heterossexuais e Homossexuais..... | 23 |
| 1.2.9. Ciclo de Violência .....                                         | 27 |
| II Parte – Trabalho de Estágio .....                                    | 31 |
| 2. Trabalho realizado no Estágio .....                                  | 31 |
| 2.1. Cronograma do Estágio .....                                        | 31 |
| 2.1.1. Objetivos- Gerais e Específicos.....                             | 32 |
| 2.2. Intervenções Psicológicas.....                                     | 32 |
| 2.2.1. Projetos e Atividades.....                                       | 33 |
| 2.2.2. Avaliações Psicológicas .....                                    | 35 |
| 2.2.3. Apresentação de dois casos clínicos .....                        | 35 |
| III Parte – Discussão .....                                             | 58 |
| 3.1. Conclusão de ambos os casos .....                                  | 58 |
| 3.2. Reflexão Pessoal.....                                              | 59 |
| 3.3. Conclusão .....                                                    | 61 |
| Referências Bibliográficas .....                                        | 63 |
| Webgrafia:.....                                                         | 68 |

## **Índice Figuras**

|                                                                       |    |
|-----------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 Modelo Ecológico da Violência .....                          | 12 |
| Figura 2 Estratégias de Intervenção Baseadas no Modelo Ecológico..... | 14 |
| Figura 3 Ciclo de Violência .....                                     | 28 |

## **Índice Tabelas**

|                                      |    |
|--------------------------------------|----|
| Tabela 1 Cronograma de Estágio ..... | 31 |
|--------------------------------------|----|

## **Introdução**

O presente relatório foi elaborado no âmbito do estágio curricular realizado no decorrer do segundo ano de Mestrado em Psicologia Clínica e do Aconselhamento, na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), no ano letivo 2016/2017. O presente estágio encontra-se regido pelo Regulamento de Estágios do Departamento de Psicologia e Sociologia da UAL e também pelo Regulamento Geral de Mestrados e Doutoramentos da respetiva universidade.

Estágio com duração de 400 horas, tendo sido este concretizado numa associação de apoio a vítima, mais especificamente num dos seus Gabinetes, situado no distrito de Lisboa, no período de outubro de 2016 a julho de 2017, após essa data foram então realizadas as pesquisas necessárias para realização deste trabalho escrito.

Quanto à estrutura, este trabalho é composto por três partes. A primeira parte consiste em toda a revisão de bibliografia acerca da temática, na qual, no primeiro capítulo, no que concerne ao enquadramento teórico, será realizada uma contextualização do local de estágio, da Psicologia e das práticas necessárias ao bom desempenho profissional de um Psicólogo, tal como a definição de conceitos considerados serem essenciais para a compreensão da mesma. No segundo capítulo, fez-se uma breve síntese de todo o trabalho realizado na instituição onde foi realizado o estágio e, ainda a exposição de dois casos clínicos de acompanhamento, a sua avaliação, discussão e análise dos mesmos.

Para terminar, na terceira parte, será apresentada a discussão de dois casos clínicos. Evidenciando os aspetos mais relevantes desta investigação, integrados nos dados mais pertinentes da literatura, tal como as limitações deste estudo e as recomendações futuras de pesquisa nesta área de violência doméstica ser transversal a todos.

## **I Parte – Enquadramento Teórico**

### **1.1. Contextualização do local de estágio**

A realidade por vezes está muito longe de ser conhecida por todos, sendo a desta associação por vezes desconhecida, provavelmente por falta de informação, não tinha conhecimento das três diferentes áreas de apoio que esta associação abrange: a social, a jurídica e a psicológica. Tal como desconhecia que apoiam toda e qualquer vítima de violência ou de crime, e não apenas vítimas de violência doméstica. Erradamente e, certamente um pouco por influência da comunicação social, a maioria das pessoas pensa que esta associação sem fins lucrativos, apoia apenas vítimas de violência doméstica, sendo a realidade bem diferente. Funciona maioritariamente com o trabalho dos voluntários e dos estagiários, são em minoria os colaboradores que são contratados.

De forma a uma melhor compreensão da intervenção realizada pela associação e do trabalho que é diariamente realizado junto das vítimas de violência, é essencial fazer uma contextualização em termos teóricos da instituição.

Esta associação surge, devido à necessidade que se fazia sentir pela não existência de organizações de apoio de vítimas de violência e crime. Foi criada anos 90, é uma instituição de solidariedade social, sem fins lucrativos, que funciona maioritariamente com uma boa e bem organizada estrutura de voluntariado. A sua verdadeira missão é o apoio às vítimas de violência e de crime, suas famílias e amigos, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais de forma a contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

Passaram por diversas contrariedades, mas já mais desistiram, continuaram a promoção de projetos de forma a beneficiarem e a protegerem as vítimas. Assim abriram a nível nacional diversas delegações, em que é colocado todos os dias pelos seus colaboradores em prática estratégias de orientação para as vítimas que procuram ajuda, essa ajuda pode ser dada a três níveis: jurídico, social e psicológico. Assim sendo, e oportunamente no que concerne ao enquadramento teórico, será abordada uma contextualização da Psicologia e das práticas necessárias ao bom desempenho profissional de um Psicólogo dentro de uma instituição essencial como esta.

### **1.1.1. Papel do Psicólogo Clínico na instituição de estágio**

Após uma breve introdução de forma a conhecermos melhor a instituição na qual foi realizado o estágio académico é importante referir qual o papel do psicólogo clínico dentro da instituição.

Nesta instituição em particular, trabalha uma psicóloga, que é a gestora do gabinete de Lisboa, todos os outros psicólogos que aqui trabalham são voluntários ou encontram-se em estágio curricular ou profissional. O trabalho do psicólogo dentro da instituição, acima de tudo passa por fazer atendimentos, podem ser presenciais, via e-mail ou telefonicamente, a utentes que tenham sido vítimas de violência. Após encaminhamento prestam apoio psicológico a esses mesmos utentes, devido à pouca disponibilidade e à muita procura de apoio psicológico, tem que ser efetuada uma espécie de triagem, de forma a ser perçecionado se aquele caso específico se enquadra nas características de apoio da instituição. Por norma os acompanhamentos são de curta duração, em apenas algumas sessões e, o seu principal objetivo é conseguir que o utente consiga ultrapassar a sua situação de vitimação/crise, de maneira a ajudar a construir estratégias de resolução de problemas ou aceder a sentimentos latentes.

Todos os técnicos fazem atendimentos, desta forma é necessário que todos frequentem uma ação de formação administrada pela instituição uma vez que deverão estar preparados para dar informações a nível jurídico, social e psicológico, pois por norma quando surgem os atendimentos, quer sejam telefónicos, quer sejam presenciais, não se tem conhecimento que tipo de apoio é que aquele utente necessita. Se for o caso fazemos encaminhamento para alguém que tenha mais competências para o ajudar. Todos os técnicos fazem atendimentos e aberturas de processos online (PAO), trata-se de um registo efetuado numa plataforma online da instituição que por sua vez regista na base de dados da mesma os dados recolhidos no decorrer do processo de atendimento, esta informação pode ser acedida em qualquer parte do país de forma a que possa ser consultada por qualquer delegação o historial de cada utente.

A utilização de uma Escala de Avaliação de Risco (anexo 2), é aplicada a toda e qualquer mulher, que esteja numa relação heterossexual e, que tenha sido vítima de violência doméstica por parte do seu companheiro. Essa escala serve de guia para a avaliar o nível em que aquela mulher se encontra naquele momento, desta forma o tipo de encaminhamento também será diferenciado (Campbell, 2003, Versão Portuguesa

traduzida e adaptada do Instrumento de Avaliação do Risco pela autora por Fonseca, Manita, Saavedra & Magalhães (2013).

Os objetivos do apoio psicológico na associação, são para reforçar os mecanismos de defesa adaptativos de cada utente, melhoria da sua adaptação ao seu meio envolvente, reduzir o desconforto e os comportamentos disfuncionais, temos a função de ajudar as pessoas a encontrar o seu equilíbrio psicológico e maximizar a sua autonomia e as suas capacidades, promovendo a sua mudança. Mudança esta que deverá ter em conta os recursos externos e internos da vítima, com base na realidade do utente e da sua situação, visa também a compreensão dos sentimentos da vítima e, também a preocupação de se trabalhar o aumento da sua autoestima e na resolução de problemas internos e externos que possam ter surgido com os episódios de violência e agressão.

Há que salientar que as pessoas que procuram a instituição por norma vêm após um acontecimento traumático, o que faz com que venham numa situação de crise, logo os técnicos têm que estar preparados a atuar segundo um Modelo de Intervenção em Crise. Estes utentes chegam à instituição após episódios de vitimização recentes o que os deixa sem estratégias para lidar com a situação, afetando a sua estabilidade emocional, física e social. Assim sendo, é essencial apoiar os utentes e intervir num curto espaço de tempo, de forma a permitir a interrupção dos fatores perturbadores. Na intervenção em situação de crise, é necessário estabelecer uma boa comunicação com o utente de forma a se obter todas as informações relevantes para se chegar a um diagnóstico da sua situação, tal como a sua rede de suporte, o que desencadeou a crise, etc. Após o diagnóstico inicial, é essencial definir prioridades junto do utente, tendo em conta os problemas sobre os quais é necessário intervir primeiro e as suas necessidades e interesses, ao avaliar as suas prioridades, a intervenção seguirá de acordo com os objetivos definidos e será realizada em conjunto com o utente.

Para a prática da psicologia clínica torna-se essencial ter diversificados conhecimentos psicológicos, por serem os psicólogos clínicos aqueles que testam as teorias e métodos desenvolvidos pela psicologia, de forma a não serem descurados da experiência prática que é tão importante no contexto de trabalho do psicólogo clínico (Paladino, 1983). Desta forma, a instituição disponibiliza a oportunidade aos estagiários que se tornam técnicos de obterem a formação necessária para o desempenho da sua função, assim sendo a formação é realizada inicialmente e tem a duração de 90 horas.

O objetivo geral no final do curso, é capacitar os formandos/as com as ferramentas e conhecimentos necessários para reconhecer de forma correta, a temática da violência doméstica ao nível do fenómeno e prestar um apoio especializado a vítimas de violência doméstica.

No final da formação os formandos/as deverão ser capazes de:

- Reconhecer, sem erros, a evolução histórica da violência na família;
- Listar, corretamente, pelo menos três estratégias nacionais de prevenção à Violência Doméstica;
- Identificar de modo correto, o papel das Organizações não Governamentais e da Sociedade Civil;
- Identificar, corretamente, o conceito de vítima;
- Distinguir, de forma correta, violência de género, violência doméstica, violência familiar e violência nas relações de intimidade;
- Enumerar sem erros, os estereótipos associados à violência nas relações de intimidade;
- Reconhecer de forma correta, a incidência e prevalência da violência nas relações de intimidade;
- Indicar de modo correto, as perspetivas explicativas da violência nas relações de intimidade;
- Reconhecer corretamente, os custos sociais, económicos e de saúde associados à violência nas relações de intimidade;
- Listar pelo menos duas características das vítimas e dos/as agressores/as, de forma correta;
- Reconhecer, sem erros, o papel dos profissionais que lidam com vítimas de violência doméstica;
- Enumerar corretamente, pelo menos duas, necessidades das vítimas de violência doméstica;

- Reconhecer, de modo correto, as estruturas de atendimento existentes a nível nacional;

- Identificar sem erros, as especificidades do processo de apoio, da avaliação do grau de risco, dos planos de segurança pessoal e o processo de encaminhamento;

- Reconhecer, de forma correta, as particularidades na intervenção com pessoas idosas e crianças vítimas de violência familiar;

- Indicar, de modo correto, as especificidades do atendimento telefónico;

- Identificar corretamente, pelo menos dois fatores de risco em situações de Burnout;

- Reconhecer corretamente, a evolução histórica e legislativa do crime de violência doméstica;

- Listar, sem erros, as fases processuais do crime de violência doméstica;

- Indicar de forma correta, a importância dos meios de prova;

- Enumerar corretamente, pelo menos duas medidas de coação;

- Descrever, de modo correto os passos para a constituição de assistente;

- Reconhecer, sem erros, a Lei 112/2009 e o estatuto da vítima;

- Definir corretamente a proteção policial e a tutela judicial;

- Identificar a rede nacional de apoio às vítimas de violência doméstica, de forma correta;

- Reconhecer, de modo correto, o programa para agressores de violência doméstica;

- Caracterizar, sem erros, a vigilância eletrónica;

- Identificar de modo correto, a importância da constituição de assistente.

### **Programa de Formação:**

#### Módulo I – Perspetiva histórica da violência na família

- Da invisibilidade ao seu reconhecimento social, político e científico

- Estratégias Nacionais de prevenção à Violência Doméstica
- O papel das Organizações não Governamentais e da sociedade civil

#### Módulo II – Vitimologia: Conceitos gerais

#### Módulo III – Violência Doméstica: Conhecer a situação e refletir sobre ela

- A Violência nas Relações de Intimidade
- A Violência sobre os idosos – especificidades
- A violência sobre as crianças – especificidades

#### Módulo IV – Violência Doméstica: orientações para a intervenção psicossocial

- Os/as diferentes profissionais da intervenção
- Princípios reguladores da intervenção
- As estruturas de atendimento existentes a nível nacional: especificidades
- O Processo de Apoio
- Avaliação do Risco
- Planos de Segurança Pessoal
- Processos de encaminhamento
- Particularidades na intervenção com idosos vítimas de violência familiar
- Particularidades na intervenção com crianças vítimas de violência familiar
- Especificidades de atendimento telefónico
- Burnout

#### Módulo V – A Lei e o combate à violência doméstica

- Enquadramento jurídico-penal
- Discussão de casos práticos numa perspetiva legal

#### Módulo VI – Práticas Orientadas

Destinatários: Profissionais das áreas das Ciências Sociais e Humanas, do Sistema de Justiça, Profissionais da Educação, Profissionais de Saúde, Forças de Segurança, Técnicos de Apoio à Vítima, Estudantes do ensino superior e outros profissionais que lidam direta ou indiretamente com vítimas de violência doméstica.

Certificação Obtida: Após a conclusão do curso com sucesso será emitido um Certificado de Formação Profissional através da plataforma SIGO (Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa) com base nos seguintes critérios:

- Ter assiduidade no curso superior ou igual a 80%;
- Realizar as atividades propostas durante o curso.

Após a realização desta formação encontramos-nos aptos para fazer atendimentos com os utentes.

## **1.2. Conceitos teóricos relativos à temática da Violência**

Sendo que o meu estágio foi realizado numa associação de apoio a vítimas, que é uma instituição que dá apoio a pessoas vítimas de violência e de crime, acho pertinente falar de alguns conceitos teóricos essenciais a esta temática da violência.

### **1.2.1. Violência**

Ao longo da história da Humanidade, a violência tem sempre acompanhado os seus pensamentos e os seus comportamentos, sendo encarada de diversas e diferentes formas por cada uma das civilizações (DGS, 2014).

Na atualidade, não é aceitável considerar a violência como sendo uma parte inevitável da condição humana. Na sociedade atual, o conceito de atos violentos engloba o conjunto de comportamentos considerados reprováveis e condenáveis, devido ao impacto negativo que a curto, a médio e a longo prazo podem ter na qualidade de vida e na saúde dos indivíduos e das populações, levando mesmo em casos limite, à morte da vítima (DGS, 2014).

Algumas das causas deste fenómeno, assim como o impacto tido nas vítimas, são relativamente fáceis de identificar, contudo, outras permanecem enraizadas em normas culturais e sociais e nem sempre se tornam evidenciais. (DGS, 2014).

As investigações mais recentes sugerem que, enquanto fatores psicológicos e biológicos intrínsecos, podem ser uma das explicações de predisposição individual para o seu comportamento agressivo, maioritariamente das vezes, estes fatores interagem com os fatores externos, ambientais, familiares, comunitários, culturais e sociais que despoletam episódios de ocorrência de violência ou agressão (DGS, 2014).

A problemática da violência é encarada atualmente como uma questão dos Direitos Humanos e de Cidadania, na medida em que estes atos violentos são contemplados com punição devida para os diferentes casos (DGS, 2014).

De uma forma geral, ao longo do tempo e da evolução das sociedades, o conceito de violência tem assumido um carácter dinâmico e não consensual. Dependendo das diversas áreas científicas ou de posições assumidas pelas diferentes organizações, desta forma tem sido diferente a sua classificação e abordagem (DGS, 2014).

O termo violência encontra-se interligado com os conceitos de agressão, de maus-tratos e de abuso (Magalhães, 2010). Para a mesma autora, o conceito de abuso define-se como sendo qualquer comportamento seguido por uma pessoa com a intenção de dominar e controlar outra. Já o conceito de agressão presume-se ser a capacidade intencional de um indivíduo cometer um ato violento contra outro indivíduo (Magalhães, 2010).

Um outro aspeto de particularmente relevante tem sido a interpretação do fenómeno, em função dos diversos contextos socioculturais, no que se refere à reprovação ou aprovação de atos violentos. Neste propósito, podemos referir-nos à variação espacial e temporal do seu significado, podendo entender-se a violência como sendo uma transgressão aos sistemas de valores e normas que reportam a cada momento social e histórico definido, como uma agressão à integridade da pessoa (DGS, 2014). Assim um ato pode ser qualificado enquanto violência pode ser entendido de diferentes perspetivas, levando em conta a forma como este é percecionado, vivido e representado, tanto por parte da vítima como por parte do agressor (DGS, 2014).

A Violência pode ser definida «como uma forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança ou punição exagerada», que pode causar danos no desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo. (Prata, 2008, cit. Rodrigues, Oliveira & Nogueira, 2011), desta forma existem diferentes tipos de violência (Paulino & Rodrigues, 2016): social, física, sexual, emocional, económica, etc.

As diversas definições existentes salientam diferentes aspetos, sendo que umas dão mais importância ao facto de esta ser cometida no seio familiar, outras destacam mais o carácter intencional da violência, outras ainda valorizam as diferentes formas de

manifestação da violência. Contudo, um traço comum à generalidade dos conceitos é a necessidade de proteção de alguém que se encontra numa situação vulnerável, de fragilidade ou dependência face a outra pessoa, a quem compete o cuidado de zelar pela sua saúde, bem-estar e integridade, mas cujo comportamento se apresenta, pelo contrário, violento ou abusivo, gerador de sofrimento e danos psíquicos ou físicos. Ou seja, as distintas definições assentam em pressupostos comuns: um ato ou conduta, variável de acordo com a sua natureza e tipo, uma relação interpessoal de confiança e uma consequência que provoca um efeito, necessariamente traduzido num dano físico e/ou mental (Dias, 2005).

Enfim, estas são algumas das definições de violência e estão ainda, provavelmente, longe de ter um fim. A complexidade desta palavra obriga-nos a definições precisas, estruturadas e contextualizadas para podermos elevar rigor à sua definição. A exatidão deste conceito, no sentido de se explorar todas as modalidades e formas de violência, só vem facilitar o entendimento do fenómeno numa visão mais alargada (Pais, 1996). Posto isto, não podemos desconsiderar as particularidades visíveis que existem nas diferentes formas de violência.

### **1.2.2. Vítima**

Segundo a Lei Nº130/2015, de 4 Setembro, é considerado vítima:

- Qualquer pessoa singular que sofreu um dano, nomeadamente um atentado à sua integridade física ou psíquica, um dano emocional ou moral, ou um dano patrimonial, diretamente causado por ação ou omissão, no âmbito da prática de um crime (Lei nº130/2015, do CPP).

- Qualquer um dos familiares de uma pessoa cuja morte tenha sido diretamente causada por um crime e que tenham sofrido qualquer dano em consequência dessa morte;

- Qualquer vítima especialmente vulnerável, a vítima cuja especial fragilidade resulte, nomeadamente, da sua idade, do seu estado de saúde ou de deficiência, bem como do facto de o tipo, o grau e a duração da vitimização, e podendo resultar em lesões com consequências graves no seu equilíbrio psicológico ou nas condições da sua integração social;

- Aos familiares da vítima, o cônjuge da vítima ou a pessoa que convivesse com a vítima em condições análogas às dos cônjuges, os seus parentes em linha reta, os irmãos e as pessoas economicamente dependentes da vítima;

- A qualquer criança ou jovem, pessoa singular com idade inferior a 18 anos;

Assim sendo, assistem à vítima os direitos de informação, de assistência, de proteção e de participação ativa no processo penal, previstos no Código Penal e no Estatuto da Vítima.

Tal como a vítima tem o direito a colaborar com as autoridades policiais ou judiciárias competentes, prestando informações e facultando provas que se revelem necessárias à descoberta da verdade e à boa decisão da sua causa (Lei nº130/2015, do CPP).

### **1.2.3. Estatuto de vítima**

Estatuto da Vítima (doravante, Estatuto) contém um conjunto de medidas que visam assegurar a proteção e a promoção dos direitos das vítimas da criminalidade, transpondo para a ordem jurídica interna a Diretiva 2012/29/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 25 de outubro de 2012, que estabelece normas relativas aos direitos, ao apoio e à proteção das vítimas da criminalidade e que substitui a Decisão -Quadro 2001/220/JAI do Conselho, de 15 de março de 2001. (Lei nº130, do CPP).

### **1.2.4. Modelo Ecológico da Violência**

Os atos violentos ocorrem num determinado momento histórico, num contexto político, económico e social específico, num ambiente institucional ou familiar, desenrolam-se de acordo com padrões culturais, podendo ser replicados entre gerações e que podem ser expressados em interação com experiências e aprendizagens feitas ao longo do seu ciclo de vida (DGS, 2014).

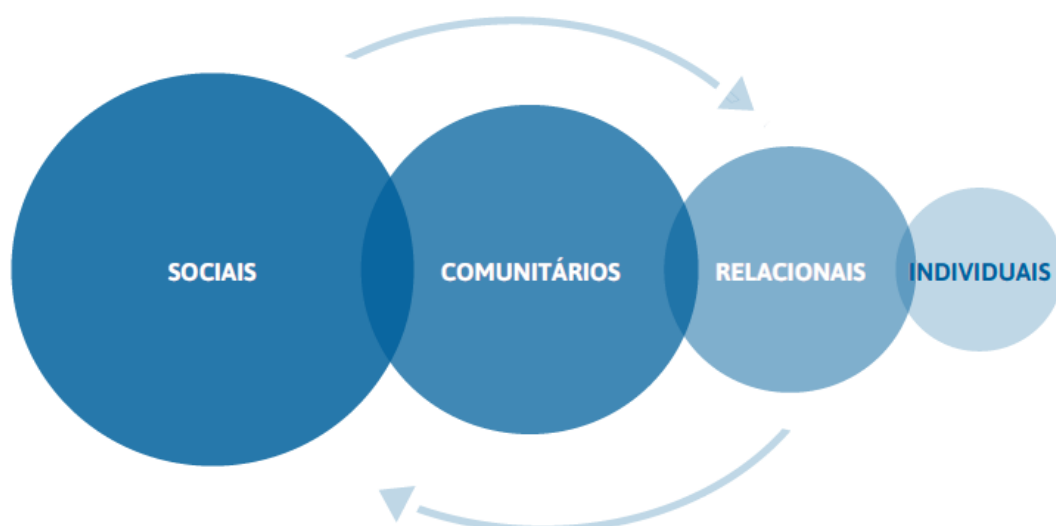
Aqueles que determinam a violência são de índole diversa. Contudo, não podem ser ponderados apenas de uma forma individualizada, como se o protagonismo que cada um adquire na génese do fenómeno surgisse (DGS, 2014).

Os atos violentos sobrevivem num momento histórico determinado, num contexto político, social e económico específico, num ambiente de carácter institucional ou familiar preciso; desenvolvem-se de acordo com padrões culturais que são replicados entre gerações e que se expressam em interação com experiências e aprendizagens feitas ao longo do ciclo de vida.

Os determinantes da violência são, por isso, de índole diversa. Contudo, não podem ser ponderados apenas de uma forma individualizada, como se o protagonismo

que cada um adquire na génese do fenómeno surgisse de uma forma isolada. Na realidade, é da interação das múltiplas variabilidades individuais e das diferenças e injustiças entre grupos sociais que resultam os padrões comportamentais, segundo uma perspectiva interpretativa que muitos autores designam por ter várias seções. É neste registo que o fenómeno da violência, nas suas múltiplas formas de expressão, nomeadamente a violência interpessoal, melhor pode ser entendido. As perspetivas aplicadas à sua abordagem devem, por isso, ser desenvolvidas mediante uma visão integradora dos vários determinantes, na medida do que for possível. Assim, a interpretação da violência interpessoal e dos mecanismos de prevenção da mesma, não pode passar à margem de um modelo conceptual e de intervenção que tome em consideração uma conjugação de fatores de ordem individual, relacional, comunitária e social que a condicionam e se relacionam tão complexamente. Assim sendo, no presente trabalho é utilizado o modelo ecológico de forma a se fazer interpretação do fenómeno e na orientação da intervenção. Modelo este utilizado pela OMS desde 2002, fundamenta-se no modelo conceptual do desenvolvimento humano desenvolvido por Broffebrenner, depois adaptado por muitos outros autores, nomeadamente Corsi em 1995, a violência nas relações de intimidade. De acordo com o modelo, são conceptualizados quatro níveis de fatores que interagem entre si: os fatores individuais, os relacionais, os comunitários e os sociais (figura 1).

*Figura 4 Modelo Ecológico da Violência (Krug et al, 2002)*



Segundo o modelo, e sob o ponto de vista individual, vários fatores de ordem biológica ou da história pessoal do indivíduo, como a impulsividade, a presença de alguma psicopatologia, a história pregressa de agressão, e de maus tratos, abuso de

substâncias psicoativas, entre outros, podem condicionar a tendência para a execução de atos violentos (DGS, 2014).

No plano relacional, são também diferentes as variáveis que fazem aumentar o risco e o perigo de violência, particularmente no domínio das relações próximas, seja no contexto do convívio entre pares, na vida familiar ou, na particularidade das relações entre parceiros íntimos. Assim, podem ser condicionantes a existência de conflitos familiares, de problemas relacionados com a parentalidade, de discrepâncias de poder e controlo, ou de baixo estatuto socioeconómico, mais particular no caso da violência física (DGS, 2014).

Sob uma perspetiva comunitária, há que ter em conta os contextos em que os relacionamentos sociais se processam. Comunidades em que se verifica uma elevada densidade populacional ou um isolamento social acentuado, naquelas em que o capital social está empobrecido cultural e economicamente e em que os vínculos sociais são escassos, naquelas onde os níveis de desemprego são mais elevados, o isolamento social é manifesto e o tráfico de drogas uma realidade, acabam por ter uma maior tendência para praticarem violência contra alguém.

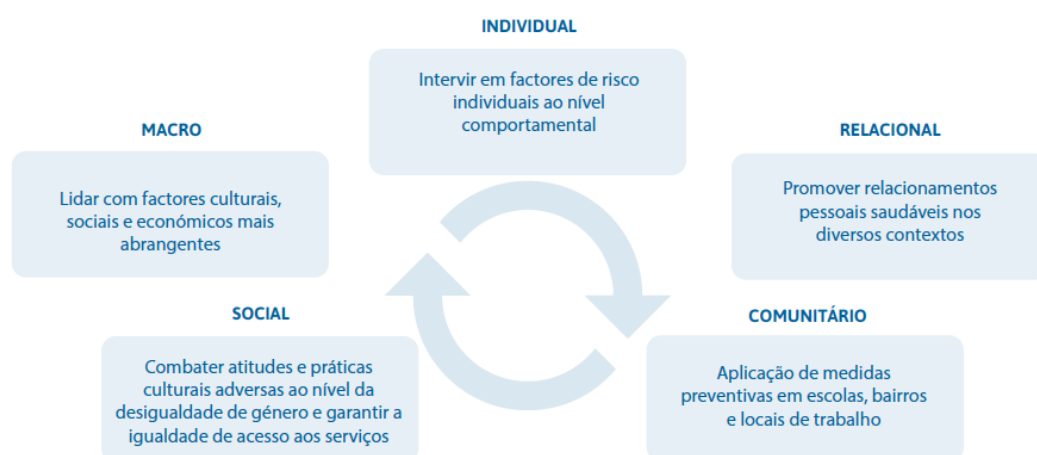
Num quarto plano, consideram-se os fatores de ordem social que moldam as características de uma determinada sociedade, sejam as normas culturais e sociais que permitem suportar, ou ignorar, a violência e as desigualdades, sejam as próprias políticas de saúde, sociais, de justiça e educativas que podem acabar por manter a desigualdade económica e social e as injustiças em geral (DGS, 2014).

O modelo ecológico permite salientar recíproca influência entre os diferentes níveis de fatores; assim, para compreender os fatores de ordem individual é importante inseri-los no nível relacional, comunitário e social, abrangendo a influência dinâmica entre os fatores considerados em cada nível. Salienta-se que alguns fatores de risco estão mais ligados do que outros a determinados tipos de violência; por outro lado, os vários tipos de violência compartilham alguns fatores de risco quanto à respetiva ocorrência. As normas culturais que podem influenciar tais como, a pobreza, o isolamento social e fatores como abuso de álcool e de outras substâncias e acesso a armas de fogo são elementos de risco ligados a mais do que um tipo de violência. Como efeito, não é raro que algumas pessoas nessa situação tenham maior tendência a vários tipos de maus tratos, que interagem entre si de forma dinâmica, dada a sua especial vulnerabilidade. No caso específico da violência doméstica, as investigações mostram-nos que a exposição a esta durante a infância representa para os indivíduos um risco acrescido de tornarem-se, eles

próprios, vítimas diretas ou de virem a ser perpetradores, no decurso da adolescência ou da vida adulta. De forma recorrente as experiências de rejeição, abandono, negligência, nomeadamente emocional, por parte dos pais ou de outros cuidadores, podem estimular, na criança ou no jovem, o surgimento de comportamentos violentos e antissociais, assim como de comportamentos abusivos quando adulto, como mecanismo de identificação e sobrevivência psicológica. De igual forma, foram encontradas associações entre o comportamento suicida e os diversos tipos de violência, inclusive maus-tratos à criança, violência nas relações de intimidade, abuso sexual ou maus tratos a pessoas idosas. A ligação existente entre os diversos tipos de violência, assim como a interação que se estabelece entre os fatores individuais e os contextos sociais, culturais e económicos mais abrangentes dão indicação de que lidar de forma preventiva com os fatores de risco, fomentando fatores de proteção nos diversos níveis do modelo ecológico, pode representar um contributo para que haja redução da ocorrência de casos em mais de um tipo de violência (DGS, 2014).

Neste sentido, tendo em conta os diferentes níveis de risco indicados pelo modelo ecológico para compreensão do fenómeno, a OMS defende a criação de respostas multifacetadas que tenham em conta diferentes patamares de intervenção. Estas são as Estratégias de Intervenção baseadas no Modelo Ecológico (Figura 2) (DGS, 2014).

*Figura 5 Estratégias de Intervenção Baseadas no Modelo Ecológico (Krug et al, 2002)*



Permanece ainda, em diversos grupos sociais e em muitos indivíduos, a representação da violência como um determinismo que se expressa de modo excessivo no sexo masculino, fruto das especificidades biológicas que o caracterizam. Nessa

perspetiva, a violência exercida pelos homens constituiria como que uma característica inevitável do seu comportamento (DGS, 2014).

Porém, para além desta interpretação essencialista, é de se frisar que é no domínio das aprendizagens e das vivências ao longo de todo o ciclo de vida, as quais marcam a biografia dos indivíduos num determinado contexto histórico, cultural e social, que é possível encontrar nos genes práticas violentas (DGS, 2014).

É a elaboração coletiva do que significa ser homem e ser mulher, vista no plano individual, relacional e comunitário, segundo o Modelo Ecológico, que nos permite entender melhor os determinantes da violência. Os conceitos de masculinidade e de feminilidade são cultural e socialmente efetuados a partir do dimorfismo biológico que marca as diferenças entre indivíduos de um e de outro sexo. É esta construção social do ser homem e do ser mulher que recebe a designação de Género. A OMS refere-se à diferença entre sexo e género nos seguintes termos:

As desigualdades de género que assim se estabelecem, e que marcam as vivências sociais e íntimas de homens e mulheres, estruturam-se em torno de quatro eixos (Connell, 2002):

- Relações de poder, nas quais, de forma global, a dominância está centrada nos homens.
- Relações de produção, expressas pelas assimetrias na divisão e na remuneração do trabalho.
- Relações emocionais, matéria na qual a visão essencialista das diferenças homem/mulher mais se expressa, em particular, nas vivências íntimas e na conjugalidade.
- Simbolismo, através do qual, a vários níveis, a ideologia do género continua a encontrar suporte para manter a visão dicotómica e assimétrica do ser-se homem ou mulher (DGS, 2014).

Nesta perspetiva, e mais particularmente no domínio da esfera familiar e da conjugalidade, a suposta “dominância masculina” e “inferioridade feminina”, ancorada nestes eixos, tem funcionado como justificação, ou álibi, para a violência exercida pelos homens sobre as mulheres, apesar da intolerância social crescente face ao problema. De facto, é nos ditames do género que pode ser encontrada a origem da parcela provavelmente mais expressiva da violência interpessoal – a violência nas relações de intimidade (DGS, 2014).

Este tipo de violência consubstancia-se em formas de relação assimétrica associadas aos papéis de género e caracterizadas pela subjugação, dominação e poder real ou simbólico. Tratando-se de práticas socialmente construídas e enraizadas, tornam-se parte da dinâmica relacional, sendo entendidas como algo natural nas relações de casal e familiares (DGS, 2014).

Por outro lado, a homofobia assenta igualmente no sexismo, em que a “masculinidade hegemónica” se torna desrespeitadora das expressões da pertença ao sexo masculino que não se compaginam com a perspetiva tradicionalista do ser-se homem (Almeida, 1995).

Em paradoxo, o padrão das relações diádicas entre pessoas do mesmo sexo mimetiza, com frequência, dinâmicas semelhantes à conjugalidade heterossexual; não admira, por isso, que o fenómeno da violência nas relações de intimidade nestas situações pareça adquirir padrões semelhantes àsquelas, nomeadamente por se tratar de relações definidas por desequilíbrios de poder e de violência (DGS, 2014).

Por outro lado, é também na perspetiva de género que pode ser abordada a violência conjugal exercida pelas mulheres contra os respetivos parceiros íntimos (DGS, 2014).

Na maioria dos casos, trata-se de uma forma de resposta, em autodefesa, à violência que contra elas é exercida e resulta em situações limite de stresse, como forma de interromper situações de maus tratos continuados. Mas, nem sempre assim é. Em diferentes situações, a violência, seja de carácter físico, psicológico e, até, sexual, em contexto de conjugalidade, familiar ou profissional, também acontece tendo as mulheres como perpetradoras (DGS, 2014).

Sem esquecer que a vitimização no sexo feminino adquire uma expressão mais elevada, não pode deixar de ser enfatizada a existência de subnotificação quando as vítimas são do sexo masculino. Além de fatores que são comuns às vítimas do sexo feminino, outros existem que podem explicar a menor visibilidade da violência exercida sobre os homens em contexto de relações de intimidade. Por um lado, a violência cometida por mulheres tende a ser essencialmente de carácter psicológico e, por isso torna-se menos manifesta; por outro lado, o evitamento da denúncia deve-se, nestes casos, não só ao medo e à vergonha do descrédito, mas também à humilhação que constituirá, na perspetiva destes homens, o ato de queixarem-se a terceiros, assumindo fragilidade e a sua incapacidade, por não exercerem a “masculinidade” como, na representação social e

na expectativa de conduta associada à masculinidade, é suposto serem capazes de fazer (DGS,2014).

Contudo, os motivos mais vezes invocados para a ausência de queixa às autoridades - “tratar-se de um assunto pessoal”, “ser problema a ser resolvido de outra forma” ou “não constituir motivo suficiente importante que justificasse denúncia” - foram-no, claro, por parte dos homens (DGS, 2014).

Destaca-se ainda, a nível nacional, os dados do Relatório Anual de Segurança Interna que apontam para uma vitimização masculina no contexto de violência doméstica na ordem dos 19% e perpetração feminina na ordem dos 14% (Quaresma, 2014).

Assim, na Saúde, para responder adequadamente ao fenómeno da violência nas relações de intimidade, há que abordar também os aspetos sociais e culturais que estimulam, e condicionam, o exercício da violência enquanto componente dos estereótipos da masculinidade. Tal implica que, na atuação tanto junto de vítimas como de pessoas agressoras, os profissionais deverão ter em conta as questões relacionadas com as assimetrias de poder e com a pressão, associada a expectativas sociais sobre o ser homem e o ser mulher, refletindo as desigualdades de género (DGS, 2014).

Também nesta temática, a da violência de género, o Modelo Ecológico surge como matriz interpretativa e, simultaneamente, de padrão de intervenção que melhor se adequa à ação dos profissionais, aos três níveis da prevenção (DGS, 2014).

#### **1.2.5. Determinantes de Género**

Mantêm-se ainda, nos diferentes grupos sociais e em muitos indivíduos, a representação da violência como um determinismo que se expressa de modo exuberante no sexo masculino, fruto das especificidades biológicas que o caracterizam. Nessa perspetiva, a violência exercida pelos homens constituiria como que uma inevitabilidade comportamental (DGS, 2014).

Contudo, para além desta interpretação essencialista, sublinhe-se que é no domínio das aprendizagens e das vivências ao longo do ciclo de vida, as quais marcam a biografia dos indivíduos num determinado contexto histórico, cultural e social, que é possível encontrar a génese das práticas violentas. É a elaboração coletiva do que significa ser homem e ser mulher, vista no plano individual, relacional e comunitário, segundo o Modelo Ecológico, que nos permite entender melhor os determinantes da violência. Os conceitos de masculinidade e de feminilidade são social e culturalmente elaborados a

partir do dimorfismo biológico que marca as diferenças entre indivíduos de um e de outro sexo (DSG, 2014). É esta construção social do ser homem e do ser mulher que recebe a designação de Género.

A OMS refere-se à diferença entre sexo e género nos seguintes termos:

- Sexo, diz respeito às características biológicas e fisiológicas que definem mulheres e homens (OMS, 2014).

- Género, refere-se aos papéis, aos comportamentos, atributos e atividades que uma dada sociedade considera apropriados para mulheres e homens (OMS, 2014).

As desigualdades de género que assim se estabelecem, e que marcam as vivências sociais e íntimas de homens e mulheres, estruturam-se em torno de quatro eixos (Connell, 2002):

- Relações de poder, nas quais, de forma global, a dominância está centrada nos homens.

- Relações de produção, expressas pelas assimetrias na divisão e na remuneração do trabalho.

- Relações emocionais, matéria na qual a visão essencialista das diferenças homem/mulher mais se expressa, em particular, nas vivências íntimas e na conjugalidade.

- Simbolismo, através do qual, a vários níveis, a ideologia do género continua a encontrar suporte para manter a visão dicotómica e assimétrica do ser-se homem ou mulher.

Nesta perspetiva, em particular no domínio da esfera familiar e da conjugalidade, a suposta “dominância masculina” e “inferioridade feminina”, ancorada nestes eixos, tem funcionado como justificação ou álibi, para a violência exercida pelos homens sobre as mulheres, apesar da intolerância social crescente face ao problema. De facto, é nos ditames do género que pode ser encontrada a origem da parcela provavelmente mais expressiva da violência interpessoal – a violência nas relações de intimidade (DGS, 2014).

Este tipo de violência consubstancia-se em formas de relação assimétrica associadas aos papéis de género e caracterizadas pela subjugação, dominação e poder real ou simbólico. Tratando-se de práticas socialmente construídas e enraizadas, tornam-se parte da dinâmica relacional, sendo entendidas como algo natural nas relações de casal e familiares (DGS, 2014).

Por outro lado, a homofobia assenta igualmente no sexismo, em que a “masculinidade hegemónica” se torna desrespeitadora das expressões da pertença ao sexo masculino que não se compaginam com a perspetiva tradicionalista do ser-se homem (Almeida, 1995). Paradoxalmente, o padrão das relações diádicas entre pessoas do mesmo sexo mimetiza, com frequência, dinâmicas semelhantes à conjugalidade heterossexual; não admira, por isso, que o fenómeno da violência nas relações de intimidade nestas situações pareça adquirir padrões semelhantes àquelas, nomeadamente por se tratar de relações caracterizadas por desequilíbrios de poder e violência (DGS, 2014).

Por outro lado, é também na perspetiva de género que pode ser abordada a violência conjugal exercida pelas mulheres contra os respetivos parceiros íntimos.

Na maioria dos casos, trata-se de uma forma de resposta, em autodefesa, à violência que contra elas é exercida e decorre em situações limite de stresse, como forma de interromper situações de maus tratos continuados. Porém, nem sempre assim é. Em diversas situações, a violência, seja de carácter físico, psicológico e, até, sexual, em contexto de conjugalidade, familiar ou profissional, também acontece tendo as mulheres como perpetradoras (DGS, 2014).

Sem esquecer que a vitimização no sexo feminino adquire expressão mais elevada, não pode deixar de ser enfatizada a existência de subnotificação quando as vítimas são do sexo masculino. Além de fatores que são comuns às vítimas do sexo feminino, outros existem que podem explicar a menor visibilidade da violência exercida sobre os homens em contexto de relações de intimidade. Por um lado, a violência cometida por mulheres tende a ser predominantemente de carácter psicológico e, por isso torna-se menos manifesta; por outro lado, o evitamento da denúncia deve-se, nestes casos, não só ao medo e à vergonha do descrédito, mas também à humilhação que constituirá, na perspetiva destes homens, o ato de queixarem-se a terceiros, assumindo fragilidade e incapacidade de exercerem a “masculinidade” como, na representação social e na expectativa de conduta associada à masculinidade, é suposto serem capazes de fazer (DGS, 2014).

A este propósito, refira-se que o estudo Family Violence in Canadá: a Statistical Profile, de 2011, aponta para índices de vitimização semelhantes em ambos os sexos, no decurso dos 5 anos anteriores, embora os casos se revestissem de severidade três vezes maior quando as vítimas eram mulheres. Contudo, os motivos mais vezes invocados para a ausência de queixa às autoridades - “tratar-se de um assunto pessoal”, “ser problema a ser resolvido de outra forma” ou “não constituir motivo suficientemente importante que

justificasse denúncia” - foram-no, claramente, por parte dos homens (Statistics Canada, 2011).

Saliente-se ainda, a nível nacional, os dados do Relatório Anual de Segurança Interna que apontam para uma vitimização masculina no contexto de violência doméstica na ordem dos 19% e perpetração feminina na ordem dos 14% (Quaresma, 2014).

Assim, na Saúde, para responder adequadamente ao fenómeno da violência nas relações de intimidade, há que abordar também os aspetos sociais e culturais que estimulam, e condicionam, o exercício da violência enquanto componente dos estereótipos da masculinidade. Tal implica que, na atuação tanto junto de vítimas como de pessoas agressoras, os profissionais deverão ter em conta as questões relacionadas com as assimetrias de poder e com a pressão, associada a expectativas sociais sobre o ser homem e o ser mulher, refletindo as desigualdades de género (DGS, 2014).

Também nesta matéria, a da violência de género, o Modelo Ecológico surge como matriz interpretativa e, simultaneamente, de padrão de intervenção que melhor se adequa à ação dos profissionais, aos três níveis da prevenção (DGS, 2014).

#### **1.2.6. Transgeracionalidade e Violência**

A transgeracionalidade pode ser definida como a transmissão de padrões de relacionamentos familiares que se repetem de uma geração a outra. Estes modelos são definidos a partir dos legados, valores, crenças, segredos, ritos e mitos que se perpetuam e conferem um sentimento de pertença e de identidade (DGS, 2014).

Os “valores familiares” são transmitidos tendo em vista manter a coesão e a estabilidade, a homeostase e o fortalecimento dos próprios papéis familiares. Muitas vezes, a transmissão processa-se de forma implícita (DGS, 2014).

Em certos casos, há nas famílias “material” de ordem afetiva que é comunicado de tal modo que não contempla a possibilidade de elaboração, integração e de transformação por parte dos mais novos. Estes, mesmo que de forma inconsciente, ficam como que ‘condenados’ a um agir acrítico, repetindo padrões de comportamento observados e transmitindo-os às gerações subseqüentes, por vezes entendendo-os como se se tratasse de uma espécie de “maldição” ou “destino” (DGS, 2014).

No processo de transmissão saudável, tanto para o indivíduo como para o grupo, desenvolve-se um trabalho de elaboração e de ligação, na medida em que uma geração consegue transformar aquilo que recebe, integrando as suas heranças em função das

vivências e perspectivas próprias. Este processo permite que cada geração possa situar-se em relação às anteriores, assim como inscrever cada sujeito numa categoria, em que o sentimento de pertença o coloca, por sua vez, como ator numa história, num momento e num lugar (DGS, 2014).

Posto isto, quando a herança recebida transporta em si uma carga traumática em relação à qual está vedado o acesso à representação e à elaboração, há forte probabilidade de repetição (DGS, 2014).

No caso das crianças, tem particular impacto a questão do género, pelo processo de identificação aos diferentes papéis atribuídos a cada sexo, constituindo um fator de risco muito importante para a perpetuação do padrão de violência. A tendência natural de uma criança é responder às situações vividas de acordo com os seus modelos. A exposição à violência, de forma direta ou indireta/vicariante, perpetrada pelas suas figuras de identificação será interiorizada e justificada na sua escala de valores enquanto indivíduo, elemento de um sexo e de uma família, configurando assim as suas expectativas sociais (DGS, 2014).

Na violência familiar produzem-se ciclos de repetição de padrões de interação nos quais participam, pelo menos, três diferentes instâncias: o abusador, a pessoa abusada e o contexto reforçador (DGS, 2014).

Cada uma destas instâncias representa uma lógica de pensar e de agir que, muitas vezes, contribui para a negação dos atos violentos na família. Para o/a abusador/a, os componentes mais frequentes desta lógica são os seguintes: sente-se vítima de algo que o seu ou a sua companheira faz; não é empático/a com os outros membros da família; supõe que são os outros que estão errados, em particular a pessoa abusada, colocando-se numa posição hierárquica superior e, consequentemente, não percebe a sua conduta como violenta (DGS, 2014).

Para a pessoa abusada, os componentes que estabelecem uma lógica de entendimento da violência, impedindo-a de percebê-la, de facto, são outros: não se vê como importante nas suas relações; tem baixa autoestima e insegurança; desconhece os seus direitos; confere poder ao/à abusador/a colocando-se em lugar de submissão e, consequentemente, posiciona-se na relação de forma a sustentar, apoiar e cuidar do abusador (DGS, 2014).

De facto, diversos estudos revelam que as mulheres vítimas de violência possuem uma baixa perceção da violência, não reconhecendo muitos maus tratos vividos como atos violentos (Campbell, 1995). Em muitas delas, devido ao historial de padrões de

relacionamentos violentos, muitas vezes, iniciados na infância entre os pais e/ou como modelos educativos, apresentam tendência a normalizar a violência. Estes modelos interiorizados justificam a potencial vulnerabilidade para se envolverem em novos relacionamentos abusivos (DGS, 2014).

A violência intrafamiliar sustenta-se e transmite-se neste contexto de funcionamento, complementar entre abusador/a e abusado/a; consequentemente, os filhos vivem e aprendem que a violência faz parte de uma rotina aceitável, aumentando o risco de que venham a repetir este mesmo padrão, quando adultos, nas suas próprias famílias. Muito embora constituindo-se como um fator de risco elevado na vitimização ou perpetração de comportamentos violentos há que considerar variáveis associadas como a resiliência e outros fatores de ordem individual, relacional que se podem constituir protetores na prevenção de experiências abusivas quando adultos. Por outro lado, há que considerar a complexidade do processo de socialização, envolvendo mais agentes em interação para além da família. Este pressuposto permite considerar que o modelo de transmissão intergeracional é parcelar, uma vez que a criança, no seu processo de socialização, recebe e interpreta influências de outros agentes, não sendo por isso viável considerar um mero determinismo e relação causa-efeito nas aprendizagens familiares acerca da violência. Relativamente a este assunto já existem alguns estudos, mas existe ainda a necessidade de melhor conhecimento destes fatores que possam servir de substrato a intervenções no âmbito da prevenção primária (DGS, 2014).

### **1.2.7. Conceito de Violência Doméstica**

No Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (Krug et al., 2002), a Violência nas Relações de Intimidade (VRI) é definida como: “Violência nas Relações de Intimidade” qualquer comportamento num contexto de relação íntima que cause dano físico, psicológico ou sexual aos elementos envolvidos na mesma.

Tais comportamentos podem configurar atos de agressão física, violência psicológica, violência sexual (incluindo relações sexuais forçadas e outras formas de coação sexual), e outras formas de controlo sobre a vítima, chegando, algumas das vezes ao homicídio (Krug et al., 2002).

Na conceptualização da violência nas relações de intimidade (VRI), são muitas vezes utilizadas terminologias como “violência doméstica”, “violência conjugal”,

“violência familiar”, “violência contra as mulheres” e “violência de género”, muito embora não exista verdadeira sobreposição de conceitos. (DGS, 2014).

Define-se por ser de forma geral como um comportamento violento continuado, ou um padrão de controlo opressivo exercido, direta ou indiretamente, sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (Paulino & Rodrigues, 2016).

A violência doméstica implica a prática de um ou mais crimes no contexto de uma relação de parentesco, adoção, afinidade ou simplesmente intimidade, de que são exemplo: pais/ filhos; avós/ netos, etc. A violência doméstica não se restringe apenas a pessoas que vivem ou viveram em situação conjugal, casadas ou não. (Paulino & Rodrigues, 2016). Acontece em contexto da esfera privada da família, podendo envolver qualquer outra relação interpessoal em que o agressor conviva ou tenha convivido na mesma casa que a vítima, estando ligados por laços de sangue ou de convivência (Paulino & Rodrigues, 2016).

A violência conjugal, segundo os autores que se debruçam sobre esta temática, definem-na como sendo uma forma de controlo de um membro do casal para com o outro. Neste contexto, pode compreender-se um padrão de comportamento violento continuado, resultando a curto e médio prazo, em danos psicológicos, emocionais, físicos, sexuais, económicos e em isolamento social, com tendência a ter o domínio da vítima, de tal forma a que esta lhe seja subordinada, dependente, que sinta que não tem valor, incompetente, que se encontre em constante clima de medo e terror (Paulino & Rodrigues, 2016).

Trata-se de um fenómeno transversal, ocorrendo em diferentes contextos etários, sociais, económicos, culturais e ou religiosos e que tem sido considerado pela sociedade como um assunto da esfera privada (DGS, 2014). Aliás, a violência doméstica existentes entre casais homo e heterossexuais, tem mais semelhanças do que diferenças entre si (Wise & Bowman, 1997).

#### **1.2.8. Violência Doméstica em Casais Heterossexuais e Homossexuais**

No contexto dos estudos acerca de violência doméstica e, de forma mais abrangente, sobre vitimologia, que surgiram desde a década de 40 do século XX (Gonçalves & Machado, 2002), que pode ser enquadrada a investigação sobre violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo que vivem numa relação conjugal. Desde os anos 80 do século XX, que os trabalhos de investigação acerca da violência conjugal em casais homossexuais têm vindo a dar a sua contribuição para a criação de referenciais teóricos

como lançamento basilar para outros estudos de investigação deste fenómeno, sendo que os estudos mais notórios são de violência conjugal nos casais de sexo diferente, levando os outros casos de violência entre casais do mesmo sexo ficando em segredo ou acabando no esquecimento, por não ser falados ou mesmo por vergonha. Alguns autores referem-se mesmo “segundo armário” (Nunan, 2004) para significar essa “dupla invisibilidade” (Antunes & Machado, 2005) que recai sobre pessoas que, numa relação homossexual, sendo objeto de discriminação, são para além disso, vítimas de violência da(o) parceira(o), sendo o segundo foco de discriminação, acrescendo o facto do silêncio.

No Código Penal português, na revisão de 2007, prevê pela primeira vez, no artigo 152, nº 1, alínea b), que o crime de violência doméstica inclua expressamente “pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação” (Almeida & Vilalonga, 2007). Ainda que esta nova redação do artigo relativa à violência doméstica dê conta da consciência de um novo fenómeno, punível por lei, emergindo da representação de uma realidade até aí não tipificada.

Alguns autores referem que as vítimas de violência doméstica, tanto em relações hetero como homossexuais, permanecem nas mesmas por várias razões, como pelo amor que sentem pelo agressor, por dependência emocional e financeira, medo de represálias e a esperança infinita de que a situação de abuso em que se encontra mude (Merrill & Wolfe, 2000).

Quanto aos casais homossexuais, é normal pensar-se que a violência doméstica não está presente na dinâmica destes casais, sendo pelo contrário, da ideia geral, que apenas os casais heterossexuais sofrem desta problemática, sendo isto uma limitação para futuras investigações (Merrill & Wolfe, 2000).

Assim sendo, Klingler (1995), citado por Kulkin, et al., (2008) referencia que o reconhecimento desta problemática entre a comunidade homossexual seria benéfico para o combate à homofobia, que estão presentes nestas minorias.

Esta consequência surge do silêncio dos homossexuais que reportam estas situações de violência acabam por vivenciar inevitavelmente a alineação e o isolamento (Merrill & Wolfe, 2000).

Segundo os autores, referem que as mulheres, que são aquelas, as maiores vítimas em casais heterossexuais, os homossexuais não iniciam a agressão, sendo comum sentirem-se aprisionados à relação e indefesos, perante o agressor (Merrill & Wolfe, 2000).

Parece existir parecenças encontradas nalguns estudos de prevalência entre o universo heterossexual e homossexual (Antunes & Machado, 2003), igualmente apoiada por alguma da literatura (Antunes & Machado, 2003) torna importante assinalar que, para além da questão cultural isto é, numa cultura de tolerância face aos maus tratos, ligada a estereótipos de género que sustentam a desigualdade na relação, há outras dimensões de explicação do fenómeno da violência íntima que interessa investigar. Alguns exemplos dizem respeito à dependência e ao isolamento da própria vítima, aos desequilíbrios de poder e às (as)simetrias, por exemplo, em termos de força física, que podem existir entre os parceiros, quer sejam heterossexuais ou homossexuais (Antunes & Machado, 2003).

Sintetizando, a pesquisa nacional e internacional, para além de denunciar de modo predominante a mulher como vítima e o homem como principal agressor na intimidade, o que nos proporciona uma imagem cada vez mais sustentada, completa e variada das dinâmicas violentas que têm lugar na privacidade. Por outro lado, o retrato de muitas dessas dinâmicas está ainda incompleto, havendo ainda um longo caminho a percorrer (Antunes & Machado, 2003).

#### **1.2.8.1. Violência Doméstica em relações entre mulheres**

A dinâmica de vitimação nas relações íntimas entre mulheres pode estar sujeita a uma complexidade acrescida (Costa et al., 2011), porque mulheres lésbicas ou bissexuais vítimas de violência doméstica estão enredadas numa discriminação tripla: por serem mulheres, por serem lésbicas ou bissexuais e por serem vítimas de violência conjugal (Santos, 2013).

Nos discursos e nas representações sociais sobre violência doméstica existe a tendência de tipificar o agressor como sendo sempre do sexo masculino, invisibilizando os casos nos quais a agressão é exercida por mulheres. Concordantemente, as investigações tem destacado uma particularidade na violência conjugal em relações entre mulheres: a recusa social de reconhecer que as mulheres podem ser agressoras (Santos, 2013). Mesmo dentro da comunidade lésbica, é comum existir a crença de que as mulheres não são abusivas ou violentas, pois tal assunção seria contraditória com alguns discursos feministas mais essencialistas que encaram a violência doméstica como resultado da assimetria de género em termos de estatuto ou de poder (Nunen, 2004). Posto isto, a invisibilidade que recai sobre mulheres lésbicas e bissexuais, vem acrescida do silêncio social em redor de mulheres agressoras. As vítimas mulheres de violência

conjugal que se encontram numa relação com outra mulher estão, assim, numa situação de significativa vulnerabilidade.

À semelhança, o isolamento de casais de mulheres tem tendência a ser maior do que o de casais de homens. Esta situação deve-se, ao facto de haver maior visibilidade da homossexualidade masculina e, conseqüentemente, mais redes de apoio e suporte, mesmo que informais (Kulkin et al., 2007). Deste modo, em casais de mulheres pode haver uma maior tendência para uma fusão dos elementos do casal e, conseqüentemente, para um isolamento social mais marcado. Deste modo, há um acrescido risco de conflitos quando um dos elementos procura ter, por exemplo, amizades independentes ou frequentar círculos sociais diferenciados da sua companheira (Renzetti, 1992).

#### **1.2.8.2. Violência conjugal em relações entre homens**

Nas relações de homens gays ou bissexuais vítimas de violência conjugal, também estão, em significativo risco de isolamento, invisibilidade e alienação social, mas pelas razões contrárias às descritas às das mulheres lésbicas e bissexuais, isto porque as representações sociais e os discursos sobre violência doméstica tendem a tipificar a vítima como sendo sempre do sexo feminino. Deste facto resulta que a própria rede de respostas sociais de prevenção e apoio a vítimas de violência doméstica está organizada em torno do princípio de que a vítima é normalmente sempre mulher. As respostas das instituições revelam que a violência doméstica entre pessoas que vivem nestas relações, ainda existe uma enorme falta de mecanismos de articulação e de espaços para acolhimento de homens vítimas (Rodrigues & Oliveira, & Nogueira, 2011). Possivelmente pela mesma razão, a maioritariamente as investigações sobre violência em casais do mesmo sexo privilegia as relações entre mulheres, existindo, por isso, maior desconhecimento sobre as dinâmicas da violência íntima entre homens. De alguma forma, as investigações existentes indicam que a violência conjugal entre homens é mais frequente quando há discrepâncias de poder na relação (Klinger, 1995), como resultado, por exemplo, de diferenças socioeconómicas entre os membros do casal.

O estigma que incide sobre homens vítimas de violência conjugal é indicado: pelas expectativas sociais em torno da masculinidade tendem a ser incompatíveis com experiências de vitimação masculinas, particularmente no contexto de relações de intimidade. Porém, este estigma poderá ser mais acentuado em relações de sexo diferente, ou seja, quando a violência é exercida por mulheres. Concordantemente, as investigações

sugerem que existe maior probabilidade de que homens gays denunciem as situações de abuso, tanto às autoridades, como a familiares e a amigos/as, quando comparados com homens vítimas de violência conjugal em relações de sexo diferente (Merrill & Wolfe, 2000). Assim sendo, para um homem – hétero, bissexual ou homossexual –, o estigma e a vergonha de ser agredido por uma mulher tendem a ser maiores do que o estigma de ser agredido por outro homem. De qualquer maneira, o duplo estigma – por se ser gay ou bissexual, e um homem agredido, tem consequências significativas de isolamento e alienação destas vítimas (Merrill & Wolfe, 2000).

Afirmam alguns autores, que tal como acontece nos casais heterossexuais nos casais homossexuais, a ocorrência de um ciclo de violência (Merrill & Wolfe, 2000).

Neste contexto, ter o conhecimento das dinâmicas da violência doméstica, dos seus efeitos, das suas consequências, são indispensáveis para se conseguir dar o apoio mais adequado a cada uma das vítimas. Assim sendo, deve-se ter a flexibilidade necessária para o entendimento de que nem todos os relacionamentos violentos atravessem por este ciclo de violência (Paulino & Rodrigues, 2016). Por isso, este ciclo é um elemento útil, mas não imperativo de todas as situações de violência.

### **1.2.9. Ciclo de Violência**

De acordo com as pesquisas realizadas o Ciclo de Violência foi desenvolvido em 1979, por Walker, foi desenvolvido de forma a servir de modelo explicativo dos padrões de comportamentos violentos efetuados por homens/ mulheres num contexto de relação de intimidade (DGS, 2014).

Este ciclo explica o como e porquê destas vítimas se manterem nesta relação violenta mantendo um comportamento apático e sem conseguirem liberta-se (Paulino & Rodrigues, 2016). Os autores e profissionais que se debruçam nesta temática e que nela intervêm, explicam que a violência doméstica tende a evoluir através de diversas fases que se repetem tal como um ciclo (Paulino & Rodrigues, 2016). Assim sendo, este modelo está compreendido em três fases segundo (Paulino & Rodrigues, 2016) (fig. 3):

*Figura 6 Ciclo de Violência*



- Fase do aumento da Tensão;
- Fase do ataque violento (episódio de violência);
- Fase do apaziguamento (reconciliação/ lua de mel).

A primeira fase, caracteriza-se pela necessidade de exercer domínio e controlo sobre a vítima (mulher ou homem), utilizando todas as situações do seu dia-a-dia para a colocar em tensão, criando um ambiente de perigo eminente para a mesma. Coisas simples como arrumar a casa, fazer a comida, roupa que veste, etc., são motivo mais que suficiente para gerar discussão entre os dois elementos. Alcançado assim o primeiro patamar deste ciclo, que se parte para a segunda fase e em que ocorre o/s episódio/s de violência (Paulino & Rodrigues, 2016).

A segunda fase do ciclo, é a fase do ataque violento (episódio de violência/agressão), pode começar por uma violência verbal, num contexto de ameaças de violência física grave, escalando para diferentes tipos de violência. Maioritariamente as vítimas utilizam a estratégia de reagirem passivamente ou de simplesmente não reagirem, em forma de defesa para não piorarem a situação. Nesta fase, o agressor agride fisicamente a vítima, descarregando nela todas as tensões acumuladas. Neste encandeamento o agressor passa para uma nova estratégia, invocando desculpas ou razões atenuantes para os seus atos, tais como, ter tido um mau dia no trabalho, o ter bebido ou consumido estupefacientes, até chegando mesmo a culpabilizar a vítima para os seus atos e que esta o provocou, levando-o ao limite. Como termo desta fase, o agressor começa a demonstrar

remorsos e receio de perder a vítima, assim sendo passa a terceira fase (Paulino & Rodrigues, 2016).

Esta terceira fase, é a fase da “lua-de-mel”, em que o agressor demonstra o seu arrependimento, pede desculpa, faz promessas de que não voltará acontecer, que dali para a frente tudo irá mudar, de forma a convencer a vítima, ludibria com carinhos, presentes, atenção, de maneira a fazer a acreditar que nunca mais acontecerá estes episódios, assim conquista de novo a sua confiança, por se encontrar fragilizada. Assim sendo a vítima acredita que o agressor mudou, mas a tendência é o desaparecimento desta fase e a iniciação de um novo ciclo, repetindo-se vezes sem conta, de tal forma a que a vítima fica cada vez mais dependente de si, mais isolada, fragilizada, acabando por este ciclo ser uma rotina no seu quotidiano, tendencialmente o ciclo a cada repetição vai-se agravando nas agressões (verbais e físicas). Como resultado deste ciclo, que se torna vicioso (tanto para o agressor como para a vítima), indica que as vivências tensionais de ambos, onde a violência vai evoluindo e agravando-se, ficando cada vez mais grave, desta forma a vítima ou consegue pedir ajuda, libertando-se destes abusos, ou caso contrário pode mesmo acabar com a sua morte (Paulino & Rodrigues, 2016).

De acordo com a APAV (2006), ao longo do ciclo da violência, a vítima pode experimentar diversos estádios:

- 1. Negação: a vítima sente choque, confusão e descrença;
- 2. Cólera ou raiva: a vítima riposta com violência;
- 3. Negociação: a vítima prevê futuros atos violentos;
- 4. Depressão: a vítima tem comportamentos autodestrutivos, ou ideias suicidas;
- 5. Transição: a vítima tem percepção do risco que corre;
- 6. Aceitação: a vítima assume finalmente controlo da sua vida, tomando decisões relativamente ao futuro.

Em certos casos, mudanças tanto no tipo como no contexto da violência podem funcionar como desencadeantes do pedido de ajuda, em particular:

- Maior visibilidade da violência (fora do espaço privado; marcas físicas visíveis);
- Escalada da violência e, consequente, aumento da percepção do risco;
- Extensão da violência para terceiros (nomeadamente filhos);
- Descrença na mudança do comportamento de quem agride;
- Percepção de apoios efetivos na rede de suporte formal e informal.

Dinâmicas relacionais semelhantes podem ocorrer noutro tipo de relações diádicas independentemente do sexo dos/ das protagonistas

Na revisão bibliográfica realizada, é de salientar, especialmente em relatórios e trabalhos recentes, uma preocupação de reformulação do conceito e da denominação da violência doméstica/conjugal em casais homossexuais. Dado que é um conceito estudado tendo por referência a violência doméstica/conjugal entre casais heterossexuais, numa espécie de processo de ancoragem, importa especificá-lo, enquadrando-o no contexto da chamada violência entre parceiros íntimos (Kashak, 2001). Este termo surge da necessidade de precisar o contexto e os atores, na medida em que violência doméstica se pode aplicar a um conjunto de situações de maus tratos praticados na esfera privada.

## II Parte – Trabalho de Estágio

### 2. Trabalho realizado no Estágio

O estágio iniciou-se a 2 de Outubro com a apresentação da instituição e de todos os membros da equipa de gestores de gabinete, tal como dos estagiários que se encontravam presentes. Foi clarificada para o funcionamento da instituição, tal como os horários, tarefas e requisitos necessários para aprofundar os meus conhecimentos de forma a poder tornar-me membro da equipa. Inicialmente, foi-me proposta a leitura de toda a bibliografia, onde consta todos os princípios, direitos, deveres, funcionamento da instituição, etc., posteriormente, para a observação dos atendimentos e, só após a realização da formação de técnicos é que foi feita a iniciação dos atendimentos, quer presenciais, quer telefónicos.

Após demonstrar que já tinha evoluído e, estaria preparada para me serem atribuídos dois casos de acompanhamento psicológico.

#### 2.1. Cronograma do Estágio

Tendo optado pela via profissionalizante, isto implica a realização de 400 horas de estágio, sendo 200 horas por cada semestre de aulas. Em função disso, foi efetuado o seguinte cronograma, onde houve a repartição de todas as tarefas a que me propus até ao final do estágio, incluindo a realização do meu relatório de estágio.

*Tabela 1 Cronograma de Estágio*

|                                     | Meses                |                      |           |       |       |      |       |       |        |          |
|-------------------------------------|----------------------|----------------------|-----------|-------|-------|------|-------|-------|--------|----------|
| Atividades                          | Outubro/<br>Novembro | Dezembro/<br>Janeiro | Fevereiro | Março | Abril | Maió | Junho | Julho | Agosto | Setembro |
| Atribuição de Local de Estágio      |                      |                      |           |       |       |      |       |       |        |          |
| Pesquisa Bibliográfica              |                      |                      |           |       |       |      |       |       |        |          |
| Formação no local de Estágio        |                      |                      |           |       |       |      |       |       |        |          |
| Observação do Local de Estágio      |                      |                      |           |       |       |      |       |       |        |          |
| Observação do trabalho do Psicólogo |                      |                      |           |       |       |      |       |       |        |          |

|                                     |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
|-------------------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| no local de Estágio                 |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Reuniões de Supervisão              |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Intervenção no local de Estágio     |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Avaliação e Intervenção Psicológica |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |
| Elaboração do Relatório de Estágio  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |  |

### 2.1.1. Objetivos- Gerais e Específicos

Baseado no cronograma acima, descrevo agora os objetivos gerais e específicos para melhor entendimento e qual o trabalho desempenhado e desenvolvido durante o período em que realizei o meu estágio.

Com este estágio pretendia adquirir e assimilar conhecimentos nas várias áreas (social, jurídica e psicológica) presentes na Instituição, assim sendo, tive a oportunidade de desenvolver as minhas capacidades em termos de observação, avaliação psicológica e acompanhamento psicológico, tendo sempre em atenção as suas especificidades, sendo este o objetivo geral deste estágio. Mais especificamente propus-me a:

- Observar atendimentos a vítimas de violência de utentes que recorrem à associação;
- Realizar atendimentos a vítimas de violência, revelando conhecimentos e, competências técnicas e relacionais, respeitando os procedimentos e normas da associação;
- Observar, avaliar e acompanhar psicologicamente utentes que recorreram à associação, para serem ajudadas

### 2.2. Intervenções Psicológicas

Na instituição do estágio, as intervenções psicológicas são essenciais para as vítimas que nos procuram, quer seja por contato telefónico, e-mail ou presencialmente. Este apoio demonstra ser uma peça fundamental para todos aqueles que procuram ajuda.

Fazer o encaminhamento dessas pessoas e orientá-las, organizá-las de alguma forma, colocarmo-nos no lugar delas, pois quando nos chegam vem fragilizados, magoados, etc., escutar essas pessoas parece ser a função essencial.

### **2.2.1. Projetos e Atividades**

#### **Participação de Reuniões Supervisão**

Ficou estabelecido um dia por semana para reunião com a orientadora do local de estágio. Por norma à sexta-feira, pelas 12 horas realizava-se a reunião, com o objetivo de ser supervisionado e monitorizado o trabalho de estágio. Neste tempo, existia a partilha, esclarecimentos de dúvidas e de reflexão. Era importante estabelecer estratégias a utilizar em determinadas situações. Durante este tempo, havia partilha de experiências e de entre ajuda de orientador para estagiário, assim foi-me permitida a minha evolução, havendo o fornecimento de ferramentas que me permitiram uma melhoria de sessão para sessão e de caso para caso.

#### **Observação**

A observação foi uma ferramenta muito importante, na medida em que ao observarmos outro técnico a fazer um atendimento faz-nos fazer uma reflexão daquilo que o utente lhe está a dizer, ou do comportamento que está a adotar. Observar e tirar as nossas notas, após o término de cada atendimento reunir com esse técnico e verificarmos qual foi a minha perceção e qual foi a dele. Assim se aprende de forma experiencial, pois aquilo que eu perceciono pode não ser igual ao que o outro perceciona, esta confrontação, faz-nos verificar que enquanto observador ainda tenho um longo caminho a percorrer.

#### **Formação**

Inicialmente fui integrada num grupo para realizar uma Formação de 90 horas, para me tornar técnica especializada da instituição onde decorreu o estágio, esta sem dúvida foi uma formação que me deu uma preparação que não tinha e uma das maiores ferramentas que me foi dada ao longo do estágio.

Participação e organização de Formações e Workshops, para serem dadas em escolas locais. Estas ações foram essenciais para a sensibilização de crianças e jovens para as questões de violência no namoro, de bullying, perseguição, entre outras. Experiência muito enriquecedora, pois o contato com estes jovens é muito interessante e demonstra a inexistência de informação.

## **Corrida de Angariação de Fundos**

Participação da corrida de 10 km, entre Alcântara e Belém, de angariação de fundos para a instituição, fomos uma comitiva em representação da instituição.

## **Jantares de Natal e de Santos Populares**

Participação no Jantar de Natal e no Jantar de Santos Populares que a instituição promove para os seus colaboradores, o que cria uma dinâmica mais informal entre a equipa.

## **Atendimentos aos utentes**

Foi-me dada a oportunidade de participar em todas as atividades dentro do gabinete, sendo a principal e a mais marcante para mim, todos os atendimentos realizados com os utentes.

Os atendimentos consistem em três tipos (como já foi referido), atendimento via e-mail, telefónico e presencial, que devido ao seu caráter exigiam procedimentos de aprendizagem distintos, embora o objetivo final, fosse o mesmo, a concretização de um apoio personalizado e ajustado às necessidades de cada utente.

Todas as particularidades de vida dos utentes são únicas, embora existam características comuns relativamente aos tipos de violência descritos.

Nos atendimentos encontravam-se também sempre presentes as especificidades de cada caso, cabendo-nos a nós colocar-nos no lugar do outro, assim sendo a criação de empatia é muito importante na comunicação e na criação de confiança do utente em nós enquanto profissionais.

Neste estágio foram feitos cerca de 134 atendimentos, quer via e-mail, presencialmente, quer telefonicamente, em que fui confrontada com várias e distintas problemáticas, tais como bullying, assaltos, burlas, violência (psicológica, policial, física, sexual), embora na sua maioria os atendimentos incidissem na problemática da violência doméstica.

Para além dos atendimentos telefónicos e presenciais, também foram realizados dois acompanhamentos psicológicos, ambos relacionados com violência doméstica, um num relacionamento heterossexual e o outro num relacionamento homossexual.

### **2.2.2. Avaliações Psicológicas**

Especificamente no meu local de estágio, não realizei, nem a partida realizam avaliações psicológicas, devido às condições que se vivenciam dentro do próprio espaço do gabinete, trata-se de uma norma interna da instituição.

A única avaliação que é realizada é a aplicação da Avaliação de Risco (anexo 2), isto é, aplicada a mulheres que estejam em relação heterossexual e que sejam vítimas de violência doméstica, de forma a ser feita a avaliação em que escala de risco aquela mulher se encontra.

Embora enquanto futura psicóloga, parece-me ser uma mais valia e uma ferramenta essencial na ajuda das vítimas que nos procuram.

### **2.2.3. Apresentação de dois casos clínicos e Modelo Terapêutico utilizado**

Durante o decorrer do estágio foram-me atribuídos dois casos de acompanhamento psicológico, em nenhum destes casos foram realizadas avaliações psicológicas, todos os nomes, locais e dados considerados identificativos, foram alterados de forma a proteger a verdadeira identidade dos intervenientes. Achei pertinente referir o Modelo Terapêutico utilizado como referência nos acompanhamentos psicológicos, visto que a minha corrente é a Humanista e o Modelo é a Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers.

Rogers (1975), desenvolveu esta abordagem no início do séc. XX, tendo como pilares a psicologia existencial e fenomenológica. A partir de estudos feitos pelo autor (1902-1987), modificou a forma de pensar, em relação aos processos terapêuticos, desenvolvendo um modelo de intervenção a que chamou de Terapia Centrada no Cliente. Só posteriormente é que passou a ser chamada de Abordagem Centrada na Pessoa, para designar a o estar em relação o outro (Gobbi et al, 1998).

Segundo com Hipólito (1999), Rogers foi o pioneiro da psicoterapia centrada no cliente, tendo sido posteriormente aplicado os seus princípios a campos não terapêuticos, designadamente à educação, a grupos e a organizações. Mais tarde, foi adotado a definição abordagem centrada na pessoa como adequada e mais globalizante.

## **1º-Caso: Caso Clínico de Marco**

Todos os nomes, locais e dados considerados identificativos, foram alterados de forma a proteger a verdadeira identidade dos intervenientes.

### **Pedido de apoio Psicológico:**

Foi encaminhado para a instituição no seguimento de uma queixa formal às autoridades, após ter sido vítima de episódio de agressão por parte do seu namorado (atualmente ex-namorado).

Marco, pretende com o acompanhamento psicológico encontrar mecanismos intrínsecos para ultrapassar os episódios de violência, psicológica/ verbal e física aos quais esteve sujeito durante este relacionamento com o seu namorado (Telmo).

### **Anamnese:**

Marco tem 37 anos de idade, natural de Lisboa, solteiro, licenciado em Medicina.

### **Dados Clínicos:**

Marco é saudável até ao momento, não apresenta nenhuma doença nem nenhum internamento a referir.

Presentemente, Marco faz alguma medicação para a dificuldade que apresenta em adormecer após o término da relação (auto medica-se).

Refere ter tido acompanhamento psicológico entre os 23/24 anos de forma a ultrapassar algumas situações da sua vida que estariam relacionadas com a sua preferência sexual. Após os termos das relações amorosas que teve, Marco tem uma tendência natural para o isolamento e para entrar em estrado depressivo, acabando por conseguir superar essas fases menos boas sem ter que ser acompanhado.

### **Dados Biográficos (história Familiar):**

Oriundo de uma família de costumes tradicionais é o 4º numa fratria de 4 irmãos. Carlos, tem 45 anos, vive em Sines, é casado e tem uma filha.

Ana, tem 42 anos, vive em Lisboa, envolveu-se com substâncias ilícitas no início da idade adulta, acabou por cumprir pena efetiva, entre 2015 e 2016, saiu em liberdade ao fim desse tempo e refere “somos muito unidos e cúmplices” (sic), “enquanto a Ana esteve presa todos os fins-de- semana a ia visitar” (sic).

Gabriel, tem um ano a mais que Marco, tem 38 anos, vive atualmente em Moçambique, casado e tem dois filhos, o Pedro e a Mariana, afirma que “o meu irmão portou-se mal, teve que fugir de cá” (sic).

O seu pai, tem 76 anos, reformado, cumpriu serviço militar, esteve 2 anos na Guerra Colonial e toda a sua vida desempenhou funções ligadas à vida militar como General.

Marco diz recordar-se do seu pai como sendo “uma pessoa autoritária, austera, restrita, mas uma boa pessoa” (sic). “Quando eu era pequeno vi o meu pai bater muito nos meus irmãos, já a mim nunca me bateu” (sic). Teve a necessidade de se justificar, “Esta forma de disciplinar/corrigir devia-se ao facto de estes apresentarem maus resultados escolares mas com respeito a Marco a mim nunca me bateu, pois eu nunca tive más notas” (sic) e presentemente considera que «o meu pai neste momento está muito diferente» (sic).

Quanto à sua mãe, Marco afirma que é «uma pessoa muito querida com quem me dou muito bem» (sic), considerando-a «amável e generosa ...falo muito com ela» (sic).

Quanto ao matrimónio dos pais, Marco considera que não são felizes «o casamento dos meus pais foi sempre mau... sempre se deram mal» (sic) referindo-se à sua mãe como uma esposa que «sempre fez o que o meu pai lhe mandava fazer» (sic) e ainda que descontente segundo Marco a mãe afirma que lhe falta coragem para divorciar-se. Presentemente, apesar das mudanças do seu pai, Marco afirma que “o meu pai é muito machista” (sic).

Marco, considera ter tido uma infância feliz onde os pais procuraram dar tudo o que necessitava. Quanto à adolescência afirma ter sido «normal, tive amigos, namoricos, dava-me bem com os meus irmãos e com os meus pais» (sic).

Aos 30 anos decidiu revelar a sua homossexualidade, contou à sua mãe, contudo, esta nunca aceitou a sua opção. Acrescenta nunca ter revelado a sua homossexualidade ao seu pai devido ao facto de este ser, segundo Marco «muito machista e sexista» (sic).

### **Percurso Escolar:**

Refere que o seu percurso escolar teve início aos 6 anos de idade não tendo havido interrupções «gostava muito de ir à escola» (sic). Manteve boas relações interpessoais com os colegas recordando-se de uma professora de quem gostava muito sentimento que

era recíproco «e ela gostava muito de mim» (sic). Era habitual brincar com os colegas e refere-se ao bate-pé como um dos jogos de a que brincavam.

Refere ter boas recordações também do ensino preparatório que nas suas palavras «correu muito bem» (sic). Aos 10 anos ingressou num colégio interno, mas refere não ter gostado de lá estar e, segundo Marco pensou numa forma de sair e afirma «fui levado para a enfermaria, simulei que desmaiei, isto aconteceu duas ou três vezes, até que consegui sair de lá» (sic). Reforça o facto de não ter gostado de estar no colégio interno justificando que «os meninos eram gozados, e postos de castigo» (sic). Afirma que o seu irmão mais velho permaneceu no colégio interno até ao fim da escolaridade, o segundo mais velho também e, a sua irmã esteve igualmente num colégio interno até ao 10º ano.

Em 1993, após a transferência do seu pai, mudaram-se para Moçambique, estava no 8º ano de escolaridade. Recorda-se «adorei a escola, adorei viver lá... foi bom porque me desenvolvi, gostei muito» (sic).

Ao regressar a Portugal, passou a frequentar o 9º ano de escolaridade numa escola do distrito de Lisboa. Porém, apesar de manter um bom relacionamento com os colegas e ter tido amigos refere a ele próprio como fazendo parte de um «grupo de outsiders» (sic). Marco, refere que entre o 11º e o 12º ano de escolaridade, após nova colocação do pai nos Açores como militar a mudaram-se para a ilha.

Quanto às suas aspirações profissionais, Marco refere que desde os 6 anos que aspirava ser médico recordando-se de um episódio em que “aos 4 anos mascarei-me de médico, e gostei muito” (sic). Afirma que em 1999 “entrei no ano zero, entrei numa Instituição Militar, com média de 19 valores” (sic). Perceciona o ingresso para a Instituição como uma «experiência muito má, eram praxes atrás de praxes, foi um ano de grande sofrimento para mim» (sic). Acrescenta que os dois ou três primeiros anos causaram considerável sofrimento, fez parte da primeira turma de militares do curso de medicina, deparou-se com algumas dificuldades por ser filho de uma alta Patente «até parece que tinha entrado por cunha, não correu mesmo nada bem» (sic). Afirma ter sido forçado a escolher entre cinco especialidades existentes no curso, embora tivesse sentido ter quase que sido obrigado a optar pela especialidade de psiquiatria, algo que não pretendia por considerar «sou muito ingénuo, seria muito facilmente enganado ou manipulado por um doente» (sic).

Em 2006, decidiu abandonar o percurso militar tendo tido que pagar uma indemnização ao estado, não obstante ter sido o mesmo a interpor uma ação contra a

instituição devido os episódios de humilhação aos quais era submetido. Recorreu desta decisão, porém, sem sucesso.

Devido ao seu carácter mais introvertido e envergonhado sentia-se pouco à vontade com os seus doentes o que limitava a sua interação com outros e levou-o a inscrever-se num curso de teatro com o objetivo de «... desinibir, foi muito bom, gostei muito e desenvolveu-me muito» (sic). Por essa altura desenvolveu uma relação de amizade com a encenadora, de nome Bela, que acabou por ajudar, levando-a ao psicólogo e fez o que esteve ao seu alcance para ajudar mas, ao longo do tempo apercebeu-se de que estava a ser manipulado por Flor a afirma «sou muito transparente, não consigo perceber a maldade nas outras pessoas, esta uma das razões porque nunca conseguiria ter sido psiquiatra, acabaria por acreditar nas histórias que os doentes me contassem» (sic). Posteriormente veio a ter conhecimento que Bela sofria de Perturbação Bipolar, tendo se sentido enganado por e Bela apresentava histórias convincentes.

#### **Percurso Profissional:**

Marco trabalha atualmente em dois hospitais do distrito de Lisboa.

#### **História Relacional:**

No que concerne à história relacional Marco recorda-se ter nutrido sedimentos de amor por Inês que não sentia o mesmo por Marco. Recorda-se que por sua vez de Susana, prima de Inês, sentia-se atraída por Marco. Recorda-se igualmente que o seu melhor amigo, o Adriano.

Dos 17 aos 20 anos, teve um relacionamento com a Carla, que conheceu no Algarve num barco e refere que foi sempre um bom relacionamento até ter ingressado para a universidade. Revela que Carla começou a apresentar alterações comportamentais tornando-se obsessiva tendo a relação terminado com base neste fator. Não obstante, Marco afirma ter sido o relacionamento mais longo com alguém do sexo feminino. Manteve igualmente outro relacionamento com Salomé, mas, devido à sua personalidade explosiva, após 6 meses findaram o relacionamento. Não obstante, Marco, refere que «gostava muito dela, mas os comportamentos dela... não deu» (sic). Após Salomé, enumera alguns relacionamentos de curta duração recordando-se de Carina, Cláudia e Raquel.

Até aos 21 anos manteve relações amorosas com mulheres, mas refere que «o meu irmão roubava-me as namoradas» (sic). Acrescenta que a sua relação com o irmão foi sempre algo conflituosa desde os seus 12/13 anos porque ele «... era uma pessoa muito mentirosa, inventava histórias» (sic) que envolviam a sexualidade e Marco sentia-se envergonhado. Perto dos 23 anos de idade, Marco iniciou um relacionamento com uma mulher a quem descreve como sendo «beta» (sic) mas, conta que rapidamente se apercebeu que não seria um relacionamento importante na sua vida.

Quanto à sua preferência sexual, Marco afirma que apesar de a sua mãe ter conhecimento «só lhe contei já eu tinha 30 anos» (sic) sublinhando que tal não é por ela bem aceite.

No que se refere à sua preferência sexual Marco afirma que, aquando do namoro com Catarina enquanto fazia um inter-rail com Raúl, um amigo da pré-adolescência, refere ter havido «um toque entre mim e ele, arrepiei-me todo» (sic) e apesar de afirmar não se ter apercebido do que se havia passado entre ambos, refere que não deixou de pensar em Raúl. Após o término da relação com Carla, manteve um relacionamento amoroso com Raúl por um período de nove meses. Após o término desta relação Marco afirma que “ande um ano e meio a bater mal” (sic).

Entre os vinte e quatro e os trinta anos de idade Marco conheceu Bruno, com quem manteve um relacionamento amoroso. Classifica esta relação como ótima porque aparentemente tinham mais liberdade «andávamos de mãos dadas e dávamos beijinhos na rua» (sic). Marco foi o primeiro namorado de Bernardo e, após o término da relação, Marco afirma ter demorado 6 meses a superar o final da relação.

Aos trinta e um anos envolveu-se numa relação homossexual que teve a duração de seis meses e, de modo sintetizado refere ter tido um relacionamento com Roberto, que era relações públicas numa discoteca, descrevendo a relação como «boa» (sic) lamentando o facto de ter sido traído. Posteriormente envolveu-se com Rodrigo tendo a relação sido mantida por três anos.

A sua relação amorosa mais recente foi com o Telmo cujos relacionamentos tendem a terminar, segundo Marco, «sem existir uma razão aparente... ele terminou todos os outros relacionamentos anteriores» (sic). Relata que o Telmo teve um relacionamento amoroso com uma mulher que durou por dez anos tendo o casal terminado há quatro anos.

Conheceu-o aos 36 anos e a relação teve inicialmente uma duração aproximada de quatro meses. Segundo João, numa fase inicial, as coisas corriam bem «Telmo foi a

pessoa que mais amei na minha vida» (sic), até surgirem as primeiras discussões entre o casal.

### **História de Vitimação:**

Marco, relata que a sua relação com Telmo teve início em Setembro de 2016 tendo a primeira situação de conflito surgido a 5 de Outubro de 2016 enquanto estava em Santarém. Recorda-se de um episódio em que Telmo teria ido para a Praia 19 e mostrado as fotografias em que estaria com outro(s) homem(s) em posições que considerou impróprias ainda que não tivesse havido contacto sexual «não achei piada ao facto de estar a fazer o pino com um amigo e outros» (sic). Perante a imagem Marco optou pelo afastamento do casal, mas Telmo havia reagido "muito mal" (sic) tendo gritado e sido desagradável com ele. Não obstante, a relação manteve-se.

Marco relata que, a 7 de Outubro de 2017, após ter questionado Telmo acerca de onde teria ido, este afirmou que «era livre e que eu não tinha, de andar atrás dele» (sic).

Recorda-se de um episódio em que ao chegar à casa, cansado, tocou à campainha e foi «mal recebido» (sic) por Telmo. Acrescenta que ao pedir-lhe um beijo o mesmo respondeu «lá porque vens cansado do trabalho... não estou para isso» (sic) e perante esta reação Marco afirmou «não tenho que te pedir um beijo... se não queres que eu esteja aqui...» (sic).

Um mês depois, o casal saiu para jantar numa zona de Lisboa e, segundo Marco, de forma inesperada Marco recebeu uma mensagem de Telmo que dizia «se não vamos no mesmo rumo mais vale separarmo-nos» (sic). Marco considera que «já não lhe podia dizer nada» (sic) e tentou por diversas vezes acalmá-lo «não estejas magoado» (sic) porém, Telmo parecia irredutível mantendo uma atitude hostil perante ele. Ao chegarem à casa «ele gritou tão alto...» (sic) e de forma a apaziguar e findar os conflitos, Marco verbalizou «olha Telmo eu não quero isto para mim, se me gritares tenho que pedir-te para sair» (sic) tendo reconhecido que a tensão entre ambos também o levou a levantar o tom de voz com o ex-namorado não obstante considerar que «elevava a voz mas uma coisa é elevar a voz e outra é gritar" (sic). Perante este facto o casal, por sugestão de Marco passariam a mudar de atitude perante um sinal emitido por um dos dois exemplificando «se ficares assim eu mostro-te para ficares mais calmo» (sic). No fim-de-semana seguinte Marco queria sair um pouco para passear, após várias horas de trabalho, Telmo preferia ficar em casa tendo se gerado nova situação de tensão entre ambos porque segundo Marco, Telmo não considerou que não seria relevante sair naquela altura tendo

referido que era algo egocêntrico. Marco, refere que nos dias seguintes, em inícios de Janeiro de 2017, decorreu uma festa LGBT e nesse sábado Marco esteve a trabalhar no hospital e visto prever não vir a ter a possibilidade de ir, preferiu ficar em casa para compensar. Afirma que no Domingo foi informado por Telmo que não teria ido à festa sublinhando «só quero que saibas que não fui porque não me apeteceu» (sic).

Após ter adquirido um imóvel na zona de Lisboa, Marco decidiu inaugurar a casa com uma festa entre amigos de ambos e recorda-se de que «...o Telmo esteve comigo e foi muito bom» (sic). Relata que no Domingo da semana seguinte, visto que se aproximava o dia dos namorados propôs organizar um encontro com Telmo e duas amigas em sua casa. No dia 14 de Fevereiro, ao chegarem a casa, Marco afirma que queria dar um beijo ao ex-namorado mas este desviou-se virando-lhe a cara. Deste modo, cumprimentou as amigas de Telmo e entraram.

Momentos antes deste episódio, ao sair do hospital, Marco havia entrado em contato com Telmo de forma a saber se o mesmo pretendia que lhe levasse pão, mas este referiu não querer. Todavia, ao chegar a casa, Telmo havia perguntado pelo pão e admirado Marco retorquiu «qual pão?» (sic). Esta resposta induziu Telmo a pensar que estaria a ser considerado mentiroso por Marco tendo reagido de forma desajustada «tas ma chamar de mentiroso? Vou recusar-te todos os beijos» (sic). Em seguida, Marco afirmou que Telmo estaria a ser «dramático» (sic) dando-se início a mais uma situação de tensão em que Telmo afirmou que Marco seria «maluco» (sic) tendo também se referido a Marco como «um cucú» (sic).

Segundo Marco, na tentativa de acalmar o ex-companheiro mostrou-se frustrada porque Telmo mostrava-se irredutível. Devido ao facto de estarem presentes as amigas de Telmo, Marco considerou que talvez fosse melhor conversarem no quarto tendo o casal se dirigido para esta área da casa. No quarto, Telmo teria ficado bastante alterado e «começou aos berros. Eu agarrei-o e disse acalma-te...» (sic). A dada altura Telmo teria empurrado e apesar do apelo para que Telmo se fosse embora, Marco refere que «Telmo continuava a agarrar-me no braço com força» (sic). Perante o conflito entre ambos as amigas de Telmo dirigiram-se para o quarto, tendo chegado quando Marco tentava segurar o ex-namorado por detrás para o acalmar suplicando que ambos continuassem como amigos. Acrescenta que pela força que Telmo aplicava sobre si, acabou também por mordê-lo para que este o largasse. Maria e Paula pediram a Marco que soltasse o amigo e o mesmo acatou imediatamente o pedido de ambas acrescentando que não era sua intenção magoar Telmo tendo igualmente pedido desculpas pelo sucedido. Afirma

que após trem saído da casa, Marco estava chocado com a situação tendo se sentido «péssimo» (sic).

No dia a seguir, ao tentar contatar Telmo para informar que este havia deixado documentos importantes em sua casa apercebeu-se que o ex-namorado o havia bloqueado. Pela importância que estes representavam para Telmo, Marco quis entregá-los e combinou fazê-lo num local público no dia 16 pelas 19:15h tendo frisado que após a entrega dos documentos não voltaria a importunar. No entanto, Telmo não emitiu qualquer tipo de resposta tendo a combinação ficado sem efeito. Apercebeu-se, no dia seguinte, que estaria também em sua casa o carregador de telemóvel e algumas peças de roupa do ex-namorado. Arrumou-os e deixou-os à porta da casa de Telmo, tendo posteriormente enviado uma mensagem para informar e o ex-casal não voltou a falar até Domingo seguinte. Refere ter encontrado também um casaco de Telmo no porta-bagagem e apesar de ter percebido «o silêncio como um redondo não» (sic) enviou-lhe um e-mail «para explicar as coisas» (sic). Refere ter enviado também por e-mail uma música que representava tudo o que estava a sentir no momento.

Na 3ª-feira da semana seguinte, refere ter sido informado por Telmo que deveria afastar-se e evitar contacto de qualquer natureza sublinhando que tal seria benéfico para ambos. No mesmo dia à noite após ter saído do ginásio, passou pela casa de Telmo que ele fez sinais para avisar que Marco estaria em perigo. Telmo e Marco encontraram-se e foi informado de que as mensagens por si enviadas foram interpretadas como ato de perseguição e após troca de carícias «eu fiz-lhe uma festa no peito» (sic), foi informado que tinha apresentado uma queixa-crime contra ele por perseguição. Marco, abandonou o local e após conversa com uma amiga (Rita) esta optou por ajudá-lo tendo enviado um e-mail à Telmo para apaziguar a situação reforçando o que Marco havia dito no e-mail anterior. Telmo referiu que procurou ajuda para superar esta situação e sugeriu-lhe que fizesse o mesmo. Todavia, após refletir acerca do que aconteceu, Marco apresentou igualmente uma queixa-crime contra o ex-namorado considerando ter sido vítima deste desde o início da relação em que as situações de tensão não culminavam em violência física, mas psicológica sublinhando que nunca havia estado inserido num contexto relacional tão conflituoso. Acrescenta que «aguentei berros, discussões unilaterais... sinto que estou deprimido e acho que o Telmo teve uma psicose, com a atitude que teve» (sic).

## **Sessões de acompanhamento psicológico**

Nas primeiras duas sessões, foi realizada a recolha de história clínica e anamnese de Marco, cada uma delas com a duração de 45 minutos. Marco, compareceu mostrando-se ajustado ao contexto e cooperante ao longo do processo de recolha de informação.

Após a recolha de informação foi realizado um relatório e, consoante aquilo que foi descrito, foi decidido com a orientadora de estágio da instituição, que este utente seria um caso que poderia usufruir de acompanhamento psicológico, por se encaixar nos parâmetros da instituição.

### **Nas sessões seguintes**

Após ser decidido que Marco reunia condições para ser acompanhado na instituição, a minha orientadora atribuiu-me este caso. Na instituição fazem-se apenas curtos e breves acompanhamentos psicológicos assim sendo, ficou definido que seria cerca de 5 a 10 sessões de acompanhamento psicológico, dependendo da evolução de Marco. Foi-lhe explicado o funcionamento do contrato terapêutico, em que há o compromisso de uma vez por semana, no mesmo dia e à mesma hora, nos encontrarmos, de forma a concretizarmos a nossa sessão de acompanhamento. Todas as sessões rondaram sempre cerca de 50 minutos, faltou a algumas sessões, acabando por remarcá-las, por questões profissionais.

Um dos principais objetivos a trabalhar com Marco, era encontrar forma de conseguir com que ele ultrapassasse todos estes episódios traumáticos pelos quais passou.

Não tendo tido oportunidade de realizar qualquer teste de avaliação psicológica a Marco, por não serem utilizados na instituição qualquer tipo de testes de avaliação psicológica.

Mantém inalteradas a capacidade de orientação espaciotemporal, auto e alo psíquicas. Do que foi permitido avaliar, pareceu-me apresentar uma linguagem lentificada sendo o seu discurso marcadamente depressivo. Não obstante, não são identificadas outras alterações dos parâmetros linguísticos. De referir que mantém a capacidade de compreensão sem alterações significativas conseguindo processar a informação de modo ajustado mantendo a atenção durante toda a interação com a técnica.

Apresenta de modo geral um humor disfórico onde é possível observar um estado afetivo triste o que é de resto congruente com o seu discurso e os vários episódios de

choro ao longo de toda a recolha de informação e seguintes sessões. O seu pensamento é maioritariamente dominado pela relação com que manteve Telmo e o impacto que tem tido na sua vida. Não obstante, mostrar ser capaz de realizar operações mentais mais complexas, devido à sua vulnerabilidade psíquica atual.

De acrescentar que o utente apresenta na sua história de vida um ingresso ao serviço militar que causou danos psíquicos significativos. Tendo em conta as implicações deste período o utente chegou a pedir a intervenção do Estado.

### **Análise e Discussão do caso clínico de Marco**

Marco compareceu mostrando-se cooperante ao longo das sessões realizadas, apresenta um discurso fluente, eloquente e inteligível no relato da sua história pessoal, relacional e de vitimação mostrando-se capaz de interagir de modo adequado com a técnica não obstante mostrar significativa vulnerabilidade afetiva, que pode ser justificada pela sua situação atual. Mantém a capacidade de sustentação da atenção sem alterações significativas permitindo manter um raciocínio lógico onde a cadência do pensamento mostra-se harmoniosa. Todavia no que concerne às suas relações de intimidade com o ex-companheiro tende a expor-se de modo imprudente tornando-se facilmente submisso e vulnerável para reagir de modo adequado às adversidades ou situações de conflito interpessoais.

Pode deste modo afirmar-se que, poderá existir alguma inabilidade para lidar com a frustração mostrando, de forma geral, mecanismos de defesa imaturos. De referir alguma ingenuidade na interpretação e abordagem da realidade externa tornando-se pouco realista na avaliação das intenções do outro que passa a ser percecionado a partir do seu ponto de vista, algo idiossincrático, negando a existência de pessoas mal-intencionadas. Marco parece regredir perante as situações de conflito como forma de se proteger das adversidades apresentando posteriormente comportamentos de ruminação. Este, que parece ser o padrão comportamental de Marco nas interações interpessoais e relacionais mais adversas, poderá resultar de um contexto familiar fragilizado pelo domínio de uma figura paterna percecionada como austera, autoritária e pouco afetiva, e uma figura materna pouco securizante onde também os contatos de socialização primária se mostraram frágeis gerando uma personalidade emocionalmente dependente com uma gestão empobrecida dos afetos. Importa realçar que também o percurso escolar caracterizado por episódios de humilhação á figura fragilizada de Marco, poderão ter

contribuído de forma significativa para a adoção de uma atitude mais retraída, utilizando os mesmos mecanismos de defesa como forma de suplantar a sua angústia. Não obstante, Marco apresenta crítica perante a situação mostrando-se motivado para a mudança.

Verificou-se que muitas das suas reações, comportamentos, atitudes de Marco, estão relacionadas com o facto de nunca ter assumido a sua sexualidade perante a sua família, o que é algo que deve ser trabalhado, pois é um elemento fundamental na sua aceitação enquanto pessoa. Desta forma, foi importante tal como Rogers nos diz, Marco está numa situação de incongruência com ele mesmo, isto porque existe um conflito entre o que “ele é” e o que exigem “que ele seja”, o que ao longo destes anos todos foi gerando de certa forma muito sofrimento em Marco, por isso é que teve alguns relacionamentos heterossexuais, mas onde se sente realmente feliz é em relacionamentos homossexuais, mas devido à sua família e à sociedade é-lhe muito difícil aceitar e assumir o seu verdadeiro “eu”. Assim vai desenvolvendo defesas psicológicas e criando traumas no indivíduo que não se sente compreendido nem pela sua família nem pela sociedade. Mesmo para os profissionais isto não é uma coisa fácil de se trabalhar, é algo que está de tal forma enraizado com o utente, se calhar só com alguns anos de psicoterapia (que foi a minha sugestão ao utente, para recorrer) é que conseguiria ultrapassar.

No que concerne ao humor, este é marcadamente depressivo o que é de resto observado ao longo das sessões realizadas através do conteúdo do pensamento e subsequentes episódios de choro. Foi recorrente as crises de choro, através da empatia, e do olhar incondicional para com Marco conseguia que fossem ao longo das sessões fossem diminuindo, até deixarem mesmo de existir, o que me parece ter conseguido fazer um bom trabalho. Enquanto estava naquele espaço sentia-se compreendido, confiava, podia ser ele mesmo, sem ter que se esconder ou ser outra pessoa.

Tendo em conta o exposto nos parágrafos anteriores, pode afirmar-se que a situação de vitimação despoletou sentimentos de desvalorização pessoal em face a uma nova situação sentida como abandono e perante a qual Marco não desenvolveu mecanismos de defesa adequados que permitam a sua resolução.

Durante as sessões verificou-se que o apoio psicológico foi benéfico para o incremento da autoestima, diminuição da sintomatologia depressiva, prevenção das situações de risco e subsequente recaídas.

A síndrome depressiva observada é de gravidade média, estando relacionada com a história de vida do utente e agravada com os traumas vivenciados no seu último relacionamento. Verifica-se que este tipo de depressão ocorre maioritariamente em

indivíduos predispostos a desenvolveram depressões, e que demonstram dificuldades em lidar com situações dolorosas na vida, em alguns casos os indivíduos apresentam uma depressão transitória e noutros desenvolvem uma depressão.

Uma vez que nesta instituição não são efetuadas avaliações psicológicas não pôde conseguir apurar da forma mais correta o estado do utente, assim sendo, optou-se pela utilização de técnicas de abordagem da corrente humanista, mais concretamente Abordagem Centrada na Pessoa, numa tentativa de verificar a evolução do utente.

As primeiras sessões tinham com o objetivo de fazer com que o utente fizesse uma reavaliação das suas perceções e crenças quer em relação ao seu ex-companheiro quer em relação á sua vida em geral, o utente apresenta uma predisposição para a depressão e para o isolamento.

Pode dizer-se, que de alguma forma ajudei o utente, de forma a que este não ficasse preso á experiência negativa pela qual passou e que de alguma forma ganha-se o controlo da sua vida e que se coloque no centro das suas prioridades, de forma a não deixar que fossem os outros os responsáveis pela sua vida e pelas suas decisões, treinando técnicas de autoestima e de valorização pessoal. Todos estes desenvolvimentos foram efetuados através da paragem do pensamento, desta forma sempre que um pensamento negativo surgisse, era essencial transformá-lo em algo positivo. Seria importante assumir perante a sua família a sua homossexualidade, o que o deixa retraído e sufocado, por não poder ser ele mesmo.

Foi sugerido a Marco, que este volta-se a frequentar as aulas de Teatro uma vez que tal como tinha sido descrito pelo próprio, estas fizeram com que se tornasse mais recetivo, desinibido e fosse socialmente mais aberto para com os outros, fazer psicoterapia pareceu-me ser uma boa solução na questão de role- play, visto Marco gostar de representar e de se sentir livre e bem quando está a “dar vida a outra pessoa”.

Foi encaminhado para consulta externa no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa, de forma a ser acompanhado e medicado, pela sua sintomatologia de perda de sono, tendo este se automedicado para esse efeito, até aquele momento.

## **2º- Caso: Caso clínico de Adriana**

Todos os nomes, locais e dados considerados identificativos, foram alterados de forma a proteger a verdadeira identidade dos intervenientes.

### **Pedido de apoio Psicológico:**

Foi encaminhada para a instituição pelo Ministério Público, depois de apresentação de queixa nas autoridades após ter sido vítima de um episódio de violência doméstica por parte do seu ex-companheiro.

Adriana, pretende acompanhamento psicológico de forma a superar 5 anos de violência psicológica continuada que viveu por parte do seu ex-companheiro e, pede ajuda para a sua filha menor de ambos.

### **Anamnese:**

Adriana, tem 44 anos de idade, nasceu na argentina, mas vive em Portugal desde há cerca de 20 anos.

### **Dados clínicos:**

Adriana, saudável até ao momento, não apresenta nenhuma doença, nem nenhum internamento.

No seu historial não apresenta sinais de depressão anterior nem a toma de qualquer medicação.

### **Dados Biográficos:**

Oriunda de uma família de costumes, com diferentes culturas à mistura, isto porque seu pai é de origem portuguesa e mãe é de origem brasileira, seus avós maternos de origem espanhola.

Pai, António, médico de profissão, por causa da sua profissão, Adriana, viajou muito durante toda a sua infância e adolescência. Faleceu no ano de 2000, com apenas 50 anos de idade, diagnosticado com cancro da pele, aquando do diagnóstico “já estava espalhado pelos outros órgãos, tinha metástases” (sic) – Emocionada, baixa cabeça e começou a chorar. Refere “foi tudo muito rápido” (sic).

Mãe, Maria, tem 69 anos de idade, professora de profissão, tem dupla nacionalidade, brasileira e espanhola. Os avós eram espanhóis que foram viver para o Brasil quando houve a Guerra Civil em Espanha.

Neste momento vive cá em Portugal, com Adriana, e toma conta de sua filha. Diz que os seus pais eram muito amigos, tinham uma relação saudável, eram muito carinhosos e afetuosos um com o outro, “amavam-se muito” (sic).

### **Relação Irmãs:**

São 3 irmãs, Adriana com 44, Arianne com 28 anos e Ana com 26 anos de idade. Vivem ambas no Brasil, a mais nova já tem uma filha de 10 anos e é casada. As duas irmãs são estudantes e sócias, tem um negócio por conta própria.

A relação entre as irmãs é muita boa e de cumplicidade, embora haja uma grande diferença de idades entre as irmãs. Falam todos os dias através de vídeo chamada ou pelo Skype.

Referiu que foram as três muito desejadas. As gravidezes e partos correram todos bem, e foram de parto normal.

Avós paternos não se referiu a eles, apenas que já teriam falecido, “não os conheci” (sic).

Avós maternos, relação de grande proximidade e de grande carinho. O seu avô tem 100 anos, vive no Brasil com uma tia de Adriana.

A sua avó faleceu há cerca de 3 anos com 94 anos de idade, enquanto estava grávida de Lara.

- Quando se referiu aos seus avós maternos emocionou-se novamente, chorou compulsivamente, (parei e fui buscar um copo de água).

Refere-se aos avós como sendo uma grande referência na sua vida, com muito amor e com muitas saudades, “eu sempre fui a preferida deles, sempre me deram as melhores prendas, eu sou a neta mais velha, até as minhas primas tinham inveja das prendas que eles me davam” (sic). Diz ter muitas saudades da sua avó (emocionou-se nesse momento novamente), recorda-se dos almoços em família, de falarem muito alto e de serem pessoas muito protetoras para com Adriana, por ser a neta primogénita.

“tenho muitas saudades, muitas, são muito importantes na minha vida” (sic).

- Parece-me que sente muita a falta da sua avó, fala dela de uma forma muito carinhosa e emocionada?

“tenho sim, mas é a vida. Sempre fui muito amada por ela e pelo meu avô, sempre me transmitiram valores e me acarinham muito, adorava ouvir as suas histórias, da Guerra Civil, de como fugiram para o Brasil, e como fizeram fortuna” (sic) – (Silêncio).

- Consigo perceber que embora a sua avó já não esteja presente estará para sempre no seu coração e na sua memória, que de certa forma será sempre um modelo a seguir por si?

“sim claro que sim, são uns modelos para mim, uns guerreiros, uns seres humanos maravilhosos, amo-os muito (chorou e sorriu ao mesmo tempo).

### **Infância e adolescência:**

Nasceu na Argentina, mas durante toda a sua infância e adolescência viajou muito, isto por causa da profissão de seu pai acabou por andar sempre de um lado para o outro. Experiência enriquecedora, que lhe deu a oportunidade de conhecer vários países e culturas, “graças a isso atualmente falo 5 línguas e tenho amigos em todo lado” (sic).

Viveu na Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Espanha, Bélgica, França, Suíça (sítio onde permaneceu mais tempo), Brasil (onde esteve um ano) e Portugal.

De 98 a 99, estava no Brasil, acabando por regressar a Portugal quando o seu pai adoeceu.

### **Percurso Escolar:**

Entrou na escola com 6 anos de idade, e sempre gostou de estudar, nunca reprovou nenhum ano.

Fez o seu percurso escolar com toda a normalidade possível, refere ter conseguido fazer grandes amigos e que ainda nos dias de hoje mantêm essas amizades. “mesmo com a distância, mantenho essas amizades, conheço pessoas de quase todo o mundo” (sic). Refere “Gosto muito de estudar, adoro estar atualizada e estudar” (sic).

Entre 98 e 99 regressa a Portugal, isto quando o seu pai diagnosticado com cancro de pele. Nessa altura transferiu a sua matrícula faculdade do Brasil para cá, “eu lá tranquei a matrícula” (sic).

Por cá fez o seu percurso académico, frequentou o Curso de Jornalismo, numa Universidade do distrito de Lisboa, licenciou-se, entretanto, fez mestrado em Cinema, continuando o seu percurso com um MBA em Marketing. Diz “gosto muito de aprender” (sic). “também gosto muito de dançar, aliás fui bailarina clássica profissional durante 22 anos” (sic).

Refere ter tido muitos trabalhos. Neste momento trabalha num call- center como tradutora, fala 5 línguas diferentes

Como se sentiu quando descobriram a doença do seu pai?

“foi muito difícil aceitar, digerir, sendo ele médico, não teve sinais de nada, foi tudo muito rápido. Ele foi diagnosticado e acabamos por regressar a Portugal, aqui foi tratado, mas infelizmente já não havia muito mais a fazer (sic). – Muito emocionada, chorou muito – “em 6 meses foi-se, deixou-nos, foi uma grande perda, sinto muito a sua falta” (sic).

Entendo que tenha muitas saudades do seu pai e como aconteceu tudo muito rápido que foi uma fase difícil, mas que deu a volta por cima e conseguiu prosseguir com a sua vida.

- Pense que ficaram as boas recordações de todos os momentos que viveram juntos.

“sim, as recordações ficam sempre, ótimas recordações, tenho pena que a minha filha não tenha conhecido o grande homem que foi o meu pai, o meu herói” (sic).

### **História Relacional:**

“Aos 15 anos tive o meu primeiro namorico” (sic), diz ser correspondido, mas que eram só uns beijinhos, nada de mais. “eu era muito totó” (sic).

Depois deste teve uma paixão platónica, pelo rapaz mais giro da escola, “como é óbvio não passou disso” (sic), “era muito tímida e envergonhada” (sic).

“Aos 18 anos tive o meu primeiro namorado, era mais novo que eu dois anos, era primo de uma amiga minha, conhecemo-nos em França durante um verão. Relacionamento durou cerca de 7 anos, foi com ele que tive o meu primeiro relacionamento mais íntimo. Correu tudo muito bem, mas devido à distância e ao facto de achar que a minha família era muito expansiva e grande ... que gostavam de se reunir todos à volta de uma mesa, não se identificava muito com este mau lado mais espanhol ... terminamos o namoro e cada um seguiu a sua vida. “amamo-nos muito, foi um grande amor” (sic).

“Em 2001, conheci José, que viria a ser meu marido Fui a um casting, conheci o José tornamo-nos amigos, iniciamos um relacionamento e casamos. Ele é mais novo que eu 4 anos, eu tinha 32 anos quando nos casamos. José é ator de profissão, e entre a relação e o casamento passaram-se 7 anos, no total 10 anos de relacionamento. Tinha o sonho de ser mãe, deixei de tomar a pílula, mas nunca tivemos filhos. O José sempre me omitiu que não podia ter filhos, só descobri isso depois do divórcio. Referiu que o ex-marido vem de uma família muito disfuncional e destruturada.

“No início de 2011, estávamos a ter muitos prejuízos na empresa que possuíamos, era empresa de teatro e companhia de espetáculos, e começaram as discussões. Ele era violento comigo, agarrava-me para se tentar impor, mas ao mesmo tempo, senti-me sempre muito valorizada e amada” (sic). José era carinhoso comigo em público e quando estávamos a sós perdia a cabeça. Entretanto em 2011, descobri que ele me traía, confrontei-o e José admitiu, pedi o divórcio, esperei 3 anos para se concretizar” (sic). Durante 6 meses José permaneceu a viver em minha casa e a ser sustentado por mim, pois estava desempregado e a empresa que tínhamos em conjunto foi à falência (sic).

(Falou com bastante naturalidade deste relacionamento, embora tenha percebido que mudou a sua maneira de falar).

- Compreendo que tenha sido uma situação complicada e com muitos sentimentos para gerir, mas parece-me que tem tido a força necessária para recomeçar com esta nova realidade.

“Como se começasse a aprender a viver de novo (cabisbaixa). Através de uma amiga em comum, conheci o Paulo, que é o meu atual companheiro, é 12 anos mais novo, e é agente de autoridade, tivemos uma relação de 5 anos, temos uma filha em comum de 3 anos de idade, Lara” (sic). – Silêncio durante algum tempo

- Como correu este seu relacionamento com Paulo?

“Tudo corria bem, eu e o Paulo conhecemo-nos, de alguma forma houve uma empatia entre nós. Apaixonamo-nos. Mas nesta altura João ainda estava em minha casa, eu estava muito fragilizada e não havia maneira dele sair de lá. Então o Paulo teve a ideia de se mudar para minha casa e ao fim de 15 dias o José saiu. Para mim foi um grande alívio. Por sua vez o Paulo manteve-se por lá uns 6 meses, mas já nessa altura era muito controlador, sempre a mandar-se mensagens, a ligar-me, e eu a pensar que estava mesmo preocupado comigo, que gostava de mim. (sorriu e acrescentou agora sim vejo que não era isso).” (sic).”

“Foi sempre muito controlador, eu fiquei desempregada, algum tempo depois comecei a engordar (já estava grávida nessa altura e não sabia) e ele chamava-me de gorda, mal feita, se continuas assim ninguém te dá trabalho”(sic)”e eu aguentava aquilo dia após dia, ele controlava tudo o que eu comia, leite magro, papas de aveia ao pequeno almoço sem açúcar ... um dia fomos treinar e a meio do treino já não aguentava mais, Paulo já não consigo, e ele mexe essas pernas, mexe esse cú gordo, mas eu não consigo e chorava, chorava ... descobri que estava grávida, fiquei muito feliz mas começou o meu inferno”(sic).

- Como assim começou o seu inferno?

“ele controlava tudo o que eu comia, passei a gravidez toda a comer legumes, salada, peru, tudo sem açúcar ... eu tinha que comer às escondidas porque ele não me deixava... foi muito difícil para mim ...” (sic).

- Entendo que tivesse uma mistura de sentimentos muito ambíguos, mas parece-me que o amor que sentia foi onde foi buscar força para se aguentar nesta situação.

“Foi mesmo, as atitudes e comportamentos dele foram sempre piorando, e com a Lara era igual, controlava tudo o que comia ou que deixava de comer ... a menina tem agora 3 anos... como é possível isto” (sic)

Refere que em janeiro de 2017 terminou este relacionamento abusivo, ficou com a Lara ao seu encargo.

“Na noite de 11 para 13 de Abril, Lara estava com Paulo e dirigi-me até à casa de Paulo na Ericeira para ir buscar a minha filha, mas como já era muito tarde e fui de transportes acabei por pernoitar lá (começou a ficar mais agitada). Lara já dormia, e eu pedi a Paulo que me deixasse tomar um banho, depois de já estar com o pijama vestido, ele chamou-me à sala e começou a insinuar-se a mim, estás tão magra, gosto tanto de ti... tentou beijar-me e agarrar-me, e eu dizia-lhe deixa-me, não quero nada contigo. (sic).

Entendo que tenha sido uma situação complicada?

- “Ele não me largava, eu dizia-lhe agora já sirvo para ti? Depois de me teres traído? Não me mereces enquanto tua mulher nem à tua filha, eu enfureceu-se... agarrou-me nas pernas e arrastou-me pelas pernas, entretanto a Lara acordou com os berros, e ele mesmo em frente à filha a dizer sua puta, sabes bem que à fudas de 15 euros melhores que a tua, sua puta, sua vaca ... olha a Lara tu é que és um filho da puta, que não te deram educação ... dá-me um murro e vou contra a parede, consigo fugir até à porta e com o barulho os vizinhos acabem por chamar as autoridades, somos levados para a esquadra ...

Passou por momentos bem difíceis e ainda mais com Lara a presenciá-los, parece-me que teve que ter muita coragem e força para se conseguir libertar e pedir ajuda naquele momento. Felizmente conseguiu essa ajuda para si e para a sua filha.

### **Situação Atual:**

Em Janeiro de 2017, terminou este relacionamento com Paulo. Atualmente, vive com a sua mãe e a sua filha, arranjou emprego, trabalha como tradutora num call- center. Saiu de casa, onde vivia com o seu ex-companheiro.

Apresentou-se forma cuidada, bem vestida e apresentada, acompanhada pela sua filha e pela sua mãe.

Esteve exposta a vários episódios de violência física e psicológica nos últimos dois relacionamentos que teve, o que faz denotar em Adriana, estar a precisar de ser acompanhada, de forma a se conseguir trabalhar consigo os sentimentos e a geri-los, visto que estes relacionamentos, foram traumáticos para si e pelo facto de ter sido igualmente traída.

## **Sessões de Acompanhamento Psicológico**

Nas primeiras duas sessões, foi realizada a recolha da história clínica e anamnese de Adriana, cada uma delas com a duração de 45 minutos. Após a recolha de informação foi realizado um relatório e, conforme aquilo que foi descrito ficou decidido com a orientadora de estágio na instituição de que Adriana poderia usufruir de acompanhamento psicológico, por se encaixar nos parâmetros da instituição, foi o que aconteceu neste caso. Adriana, compareceu demonstrando vontade de aceitar a ajuda que lhe estava a ser proposta a ela e à sua filha, aceitando ser acompanhada.

Foi aplicado neste caso específico de violência doméstica, a avaliação de risco, esta deve ser aplicada nos casos de mulheres que estejam numa relação heterossexual, é utilizada a Escala de Avaliação de Risco (anexo 2), de forma de perceber em que nível de risco aquela mulher se encontra. No caso específico de Adriana, o seu Risco era Extremo, o que significa que deverá abandonar a casa onde se encontra e deverá deslocar-se para um local onde ninguém a consiga encontrar, caso não tivesse local para ficar teria que ir para uma casa de abrigo.

### **Nas sessões seguintes**

Ficou então decidido que Adriana, reunia as condições necessárias para usufruir do acompanhamento psicológico, isto devido aos episódios de violência que terá sofrido nestes últimos anos, tendo criado alguns traumas.

Ficou definido que seriam cerca de 5 a 8 sessões de acompanhamento psicológico, dependendo da evolução. Foi-lhe explicado o funcionamento do contrato terapêutico, em que há o compromisso de uma vez por semana, no mesmo dia e à mesma hora, nos encontrarmos, de forma a concretizarmos a nossa sessão de acompanhamento. As sessões rondaram cada uma delas cerca de 50 minutos, apresentou-se sempre acompanhada da sua filha Lara e da sua mãe, embora nunca estivessem estado presentes no decorrer de nenhuma das sessões realizadas.

Os principais objetivos para as sessões de acompanhamento, incidiram em:

- Percecionar na história de vida de Adriana, tendo como foco a sua história de vitimação, qual é a sua capacidade de resiliência.
- Verificar a existência no seu historial, de depressão associada ou não aos episódios de vitimação.

- Compreender de que forma a filha reagiu a todos estes episódios de violência e, se de alguma forma existe a necessidade de fazer um encaminhamento para consulta de pedopsiquiatria.

Não tendo tido oportunidade de realizar qualquer teste de avaliação psicológica a Adriana, visto estes não serem utilizados na instituição.

Ao longo das sessões realizadas com Adriana, não foi notório nenhum indício de depressão ou necessidade de acompanhamento psiquiátrico, para tratamento farmacológico.

Manteve sempre um discurso fluente e inteligível na explanação da sua história de vida e nos acontecimentos que a marcaram. Ainda sofre com a morte prematura do pai, essa mágoa é notória, de todas as vezes que fala nesse assunto, percebe-se também uma tristeza quando fala sobre os avós maternos, sempre foram a grande referência da sua vida. Esta perda da figura paterna de forma tão súbita tal como referiu na sua anamnese, deixou-lhe marcas profundas, tendo demorado mais tempo para fazer o Luto.

Mantém uma relação muito próxima com a família, embora distante das irmãs mantém um contato diário com ambas.

Ao longo das sessões realizadas a mágoa que esta sentia pelos episódios que vivenciou com os anteriores companheiros, e pelo facto de ter sido traída em ambos os relacionamentos.

Denota-se numa ambivalência de sentimentos, em ambos os relacionamentos que manteve, isto porque, embora fosse agredida referia-se “a que se sentia amada e protegida” (sic), é muito comum em vítimas de V.D., quando entram no ciclo de violência doméstica e criam dependência do agressor de alguma forma.

No último relacionamento, deixou desvanecer a sua autoestima, o que a deixou de alguma forma numa situação vulnerável e fragilizada. A obsessão que o seu ex-companheiro tinha com o corpo apoderou-se de si, levando-a ao limite extremo, mesmo durante a gravidez, tendo perdido o gosto por si mesma e, tendo-se afastado da sua família e amigos devido a esta pessoa. A obsessão era tanta, que o seu ex-companheiro para além de controlar tudo o que Adriana comia, fazia o mesmo com Lara, que era apenas um bebé.

Verificou-se, uma grande preocupação para com a filha, com o seu bem-estar físico e psíquico, por esta ter presenciado alguns dos episódios de violência, que de certa forma marcaram ambas, o que num futuro próximo poderá criar problemas relacionais e

emocionais a Lara. Este é segundo a mesma uma das suas principais preocupações neste momento.

### **Análise e Discussão do caso de Adriana**

A empatia criada com a utente permitiu-me de certa forma conseguir a sua confiança, abertura e evolução ao longo de cada uma das sessões. Tal como Rogers (1977) nos refere, a empatia é um dos três princípios basilares da Abordagem Centrada na Pessoa. Empatia, significa a entrada no mundo percetual do outro de forma a sentir-se totalmente à vontade dentro dele, requerendo por parte do terapeuta uma maior atenção ao estar nessa relação, escutando e ouvindo o utente, pois qualquer mudança que verifique no utente pode ser significativa de algo.

Este é um típico caso de violência doméstica, entre um casal heterossexual, neste caso, tendo Adriana já vivenciado vários episódios de violência física e psicológica nos últimos dois relacionamentos anteriores, é notório na utente a necessidade de ajuda de forma a conseguir gerir os seus sentimentos e emoções, por terem sido tão traumáticos para si.

Foi trabalhado durante as sessões, com a utente estes traumas, pois de certa forma ganhou medos, chegou a referir sentir medo de gritos (pois Paulo gritava muito com ela), e que falassem muito alto, até isso a chegava a perturbar. De certa forma e reconfortando-a, ela acabava por se sentir mais segura agora e, cada vez mais, pois estava a viver com a sua mãe e afastada do agressor, durante as sessões foi melhorando.

Estando tão ligada à sua família e amigos, Adriana sofreu um corte abrupto com esses laços, por Paulo não a deixar conviver, falar com essas pessoas, assim isolou-a numa redoma, onde Adriana era só sua. Isto deixa marcas, não sendo fácil confiar novamente em alguém e abrir o seu coração de novo. Esta é mais das situações de quem é vítima de V.D., o controlo e domínio, o afastamento da família que os agressores conseguem sobre a vítima, é uma pessoa submissa que está naquela relação, não é a própria pessoa. Mas isso também foi das coisas que também se conseguiu que fosse mudando com as sessões, pois de alguma forma Adriana esteve dependente daquela pessoa, entregou-se e acreditou nele, e depois teve uma valente desilusão, apaixonou-se, afinal é o pai da sua filha. De sessão para sessão, ela apercebeu-se de que aquilo não era amor, era possessão, era controlo, ela própria se consciencializou de que era um relacionamento que a estava prejudicar a ela e à filha, e que o seu bem-estar e o da sua filha é o mais importante.

Adriana, perdeu muita da sua autoestima, o seu trabalho, os seus amigos, mas com o término da relação conseguiu em muito pouco tempo refazer a sua vida, e erguer-se de novo. Na minha perspetiva, parece-me que a Adriana tem uma personalidade muito forte e uma resiliência para as adversidades muito grandes, o que a torna num ser humano. Para Rogers (2000), a personalidade é um estado que contínuo de fluxo, que se encontra em contínua mutação e evolução. Assim sendo, uma personalidade saudável é aquela que pode confiar na sua experiência e aceitar o facto de as outras pessoas serem tão diferentes, existe assim uma tendência inata em cada indivíduo de autorrealização, não esquecendo que o lado social está presente e que nos influencia tanto para o bem como para o mal.

Foi notório ao longo das sessões o aumento da autoestima de Adriana, passou a apresentar-se bem vestida, bem maquilhada e penteada o que demonstra o aumento da sua confiança, do seu amor próprio e se estar a tornar autónoma financeira e enquanto pessoa.

A sua filha, Lara, foi encaminhada para consulta de pedopsiquiatria, de forma a ser feita uma avaliação rigorosa de possíveis traumas que esta criança tenha ou venha a adquirir com os episódios de agressão a que foi sujeita assistir por parte do pai contra a mãe. Na instituição, por norma não são efetuados acompanhamentos psicológicos a crianças tão novas.

### **III Parte – Discussão**

#### **3.1. Conclusão dos Casos Clínicos**

A linha seguida enquanto modelo terapêutico utilizada para análise, discussão e terapêutica nestes casos clínicos foi a Abordagem Centrada na Pessoa, Corrente Humanista, de Carl Rogers.

Foram dois casos de violência doméstica, um num casal heterossexual e outro num casal homossexual, ambos com agressões físicas, mas destacando-se mais as agressões psicológicas e verbais.

No primeiro caso, o de Marco, é o de violência doméstica entre um casal homossexual, dois homens, alguma violência física, contudo existe uma maior incidência na violência psicológica e na chantagem. Parece-me que existe uma dupla estigmatização, pelo facto de ser homossexual, por outro por ser vítima de violência doméstica por parte do ex-companheiro, teve uma grande dificuldade em se dirigir às autoridades competentes e formalizar queixa, mas após ter dado este passo, foi bem encaminhado e chegou até nós (instituição).

Marco, ainda tem um longo caminho pela frente mas durante as sessões evoluiu favoravelmente, passou a conseguir controlar as crises de choro, até deixarem mesmo de existir. Trabalhamos no sentido de melhorar a sua autoestima, de gostar mais de si próprio, de se aceitar tal como é.

Foi aconselhado a voltar às aulas de teatro, pois é ali que se sente livre, e procurar e fazer psicoterapia, que seria algo que o poderia ajudar a longo prazo.

No caso de Adriana, a sua principal preocupação era o seu bem-estar físico e psicológico tal como o da sua filha, de forma a sentirem-se seguras, não tendo que passar novamente por todos os episódios de violência física, psicológica e verbal aos quais tinham estado sujeitas por parte do seu ex-companheiro e pai da sua filha. Percecionou-se evolução no decorrer das sessões na sua autoestima e amor próprio, melhoria do seu aspeto físico, o facto de ter arranjado trabalho e ter encontrado casa, num curto espaço de tempo. Adriana, é o que se pode chamar resiliente, alguém que tem uma força inata que supera adversidades e que consegue arranjar forças para se reerguer e começar de novo, se calhar muita dessa força por causa da sua filha, e também por causa da sua mãe que sempre a acompanhou nas sessões, percecionando-se a cumplicidade que as unia.

### **3.2. Reflexão Pessoal**

O realizar deste estágio constituiu a primeira oportunidade de colocar em prática os conhecimentos apreendidos durante os anos de faculdade, na área da psicologia. A escolha do local de estágio foi sustentada pelo interesse na área de violência e no desafio no leque tão abrangente de experiências que a instituição me poderia proporcionar.

Terminado o estágio posso dizer que o desafio proposto foi superior face às expectativas iniciais, tornando o caminho ainda mais entusiasmante. Com o culminar de dez meses de trabalho acredito que cresci e aumentei o conhecimento em várias áreas, quer a nível de me colocar no lugar do outro, o não fazer julgamentos, na capacidade de estar em relação com o outro quer num contexto individual ou em grupo, ou mesmo na capacidade de reflexão acerca dos casos que surgiram ao longo do percurso.

Experiência muito especial e única, aproveitada de forma autêntica e genuína, inesquecível e jamais esquecida, se calhar por ser a primeira e, tal como reza a história não há amor como o primeiro. A instituição acolhe de forma calorosa e empática os estagiários, tal como faz com todos os utentes que a ela cheguem.

A principal aprendizagem foi estar em relação com o outro. Estar em relação com pessoas, com vivências tão traumáticas, fragilizadas e magoadas, com todas as vantagens e desvantagens que isso lhes traz.

Relativamente à avaliação psicológica, não tive oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos e práticos das diferentes metodologias e instrumentos estudados em sala de aula, senti falta de poder colocar na prática essas competências que adquiri e poder treiná-las, mas outras oportunidades surgiram.

No que respeita ao acompanhamento psicológico efetuado, considero que foi bastante enriquecedor e útil, sobretudo porque me foi possível estar em relação com o outro, o que é a principal ferramenta do psicólogo, independentemente da abordagem usada por esse psicólogo. Aprendi a estar atenta aos pequenos gestos, a respeitar os silêncios e o espaço de cada utente, a controlar as minhas próprias emoções, devido às histórias complicadas que escutamos.

Ponderando, considero que a nível global o trabalho realizado foi de encontro às expectativas iniciais, pois desta forma desenvolvi as minhas aprendizagens, consolidei-as colocando-as em prática, o que tornou esta experiência muito enriquecedora e única.

Importa referir, que ao longo do percurso existiram momentos de frustração, muitas dúvidas, muito cansaço, devido ao elevado nível de exigência. Porém, contribuiu para perceber como as coisas funcionam num contexto real, desta forma obrigando-nos a exigir mais de nós mesmos e a superar-nos a cada caso.

Aponto como uma das principais limitações deste trabalho a minha inexperiência, mas os erros que fui cometendo ao longo do percurso foram servindo para adquirir mais experiência e, foram sendo atenuados com a partilha de experiências, durante os diferentes momentos de orientação, quer em sala de aula, quer na instituição.

Refletindo, a experiência proporcionada por este estágio foi enriquecedora, de tal forma que me permitiu crescer a nível pessoal e profissional e, que o desempenho efetuado e aprendizagem demonstrada permitiram a evolução do trabalho realizado dentro da instituição, quer tanto com os outros técnicos, quer para com os utentes.

Por fim, a reflexão acerca do trabalho realizado possibilitou concluir que existe a necessidade de investimento numa abordagem ainda mais completa e multidisciplinar para com as pessoas que são vítimas de violência, de forma a que futuramente consigamos uma maior compreensão, orientação e intervenção mais eficazes, de forma a chegar-se a um número maior de vítimas, que se encontram em situações fragilizadas e que por medo e vergonha não procurem a ajuda de que necessitam, sendo fundamental a existência destas associações/ instituições.

### 3.3. Conclusão

Portanto, no decorrer da realização deste trabalho, permitiu-nos compreender e concluir que a violência doméstica é transversal a status sociais, géneros e idades, desta forma a violência pode atingir qualquer um de nós, afetando-nos e deixando-nos marcas irreversíveis nas nossas vidas. Existe ainda um longo caminho a percorrer e, as vítimas são quem mais sofrem com tudo isto, é de lamentar, mas a realidade é bem mais dura e triste do que aquilo que possamos imaginar, não temos o direito de julgar nenhuma vítima, porque as vítimas não o são porque querem. Sendo assim necessário a criação de mecanismos de igualdade, uma vez que, o preconceito tende a ser um potenciador da violência. Sendo ao mesmo tempo, um agente naturalizante do exercício da violência na intimidade, levando a vítima a pensar que nada poderá fazer para mudar aquela situação em que se encontra. O fenómeno da violência ao longo dos anos tem vindo a ganhar visibilidade tanto nacional como internacionalmente, enquanto grave violação dos direitos humanos, tornando-se mesmo uma questão de saúde pública, com forte impacto nas populações. Posto isto, é de extrema importância que os profissionais que estão ligados a esta temática, estejam preparados e focados para prestar o seu apoio a nível físico, emocional e psicológico a estas pessoas que foram e, que continuam a ser vítimas.

Aqueles que estudam o fenómeno estão hoje conscientes de que dificilmente se conseguirá um mapa da verdadeira dimensão do problema, sendo que parte da sua representação permanecerá marginal. Como foi exposto ao longo deste trabalho, embora haja uma evolução nas denúncias, o volume de violência não detetada demonstra ser significativo, o nosso papel enquanto psicólogos e profissionais da área é fazer com que esta realidade se altere e que cada vez mais as vítimas tenham os seus direitos salvaguardados.

A existência das diversas instituições que apoiam vítimas de violência doméstica é essencial, embora não chegue a todos essa ajuda, mas começa a fazer a diferença. Isso denota-se na quantidade de denúncias que têm sido apresentadas, pois ao recorrerem a este tipo de instituições, obtém apoio emocional, psicológico e até mesmo jurídico caso seja necessário. Infelizmente, estas associações têm demasiados pedidos para as respostas que podem dar, mas fazem a devida triagem de gravidade do caso para desta forma conseguirem ajudarem o maior número de vítimas que recorra aos seus serviços.

Durante o exposto trabalho são referidos diversos conceitos desta temática da violência, tais como: a definição de violência, em que consiste o estatuto de vítima,

explicação do ciclo de violência, entre outros conceitos importantes para o entendimento deste vasto tema.

Desta forma apresentam-se dois casos clínicos, de duas vítimas de violência doméstica, um do gênero masculino, num relacionamento homossexual, e outra do gênero feminino, num relacionamento heterossexual, estes foram dois dos casos que me foram atribuídos, em que foi descrita a sua história clínica, as sessões de acompanhamento e a evolução das mesmas, e um resumo final de cada um dos casos em concreto.

Refletindo, a experiência proporcionada por este estágio foi demais enriquecedora, de tal forma que me permitiu crescer a nível pessoal e profissional e, que o desempenho efetuado e aprendizagem demonstrada, permitiram-me evoluir e ganhar mais competências, isto vem refletir-se com o culminar deste trabalho, superando as expectativas iniciais.

Este trabalho foi escrito para contribuir, aumentar, coadjuvar e consolidar competências, para todos aqueles que intervêm de alguma maneira com a problemática da violência doméstica, para haver uma melhoria e o dinamizar da sua modalidade e da sua forma de atuação para com as vítimas, embora o seu enfoque seja na psicologia clínica e na importância do psicólogo.

## **Referências Bibliográficas**

- Almeida, A. N. & André, I. M, & Almeida, H. N. (1999). Famílias e maus tratos às crianças em Portugal. Relatório Final. Instituto de Ciências Sociais: Universidade de Lisboa.
- Almeida, C., Vilalonga, J. (Org.) (2007). Código Penal. Coimbra: Almedina.
- Almeida, M. (1995). Senhores de Si: uma representação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século.
- Antunes, R., & Machado, C. (2005). Dupla invisibilidade: A Violência nas Relações Homossexuais. Lisboa: Psychologica.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2010). Manual Alcipe – Para o atendimento de mulheres vítimas de violência. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2011). Manual Crianças e Jovens Vítimas de Violência: Compreender, Intervir e Prevenir. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2012). Manual Caronte: Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2014). Estatísticas APAV – Relatório Anual 2013. Lisboa: APAV.
- Browne, A. (1987). Battered women who kill. New York: Free Press.
- Campbell, J. C. (1995). Prediction of homicide of and by battered women. In J.C. Campbell (Ed.), Assessing Dangerousness. Violence by sexual offenders, batterers and child abusers (pp. 96-113). Thousand Oaks: Sage.
- Connell, R. (2002). Gender. Cambridge: PolityPress.
- Costa, L. G., & Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: a face oculta da agressão na intimidade. Lisboa: Psychologica.
- Coutinho, M. J., & Sani, A. I. (2008b). A experiência de vitimação de crianças acolhidas em casa abrigo. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, 5, 188-201.

- Cunha, A. R. T. (2009). Violência conjugal: Os ricos também batem. *Revista Universidade Estadual de Ponta Grossa: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes* 16(1), 167-179.
- Dias, I. (2010). Violência Doméstica e Justiça. *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*. (vol. 20). (pp. 245-262).
- Dias, I. (2000). A violência doméstica em Portugal: Contributo para a sua visibilidade.
- Dias, I. (2004). Violência na Família. Uma abordagem Sociológica. Porto: Edições Afrontamento, 2.<sup>a</sup> Edição.
- Dias, I. (2005). Envelhecimento e violência contra os idosos. In *Sociologia*, nº 15. (pp. 249 – 273);
- Dias, I. (2009). Os maus-tratos aos idosos: Abordagem Conceptual e Intervenção Social. FLUP, pp. 5 – 18.
- Direção-Geral de Administração Interna [DGAI]. (2012). Violência Doméstica: Da participação da ocorrência à investigação criminal. Lisboa: DGAI.
- Direção-Geral da Saúde [DGS]. (2014). Violência Interpessoal: Abordagem, Diagnóstico e Intervenção de Saúde. Lisboa: DGS.
- Gobbi, L., Missel & Sinara, T. (1998). *Abordagem centrada na pessoa: vocabulário e noções básicas*, Editora Universitária UNISUL
- Gonçalves, O. F. & Machado, P. P. (2004). Nurturing nature: Cognitive narrative strategies. In L. E. Angus & J. McLeod, *The handbook of narrative and psychotherapy: Practice, theory and research* (pp. 103-117). Thousand Oaks: Sage.
- Hipólito, J. (1999). Biografia de Carl Rogers. *Revista de Estudos Rogerianos*. A Pessoa como Centro. 3,1-13.
- Hipólito, J. (2011). *Auto-organização e complexidade: evolução e desenvolvimento do Pensamento Rogeriano*. Lisboa: EDIUAL.
- Kashak, E. (Ed.) (2001). *Intimate Betrayal. Domestic Violence in Lesbian Relationships*. New York: Haworth Press.

- Klinger, R. L. (1995). Gay violence. *Journal of Gay and Lesbian Psychotherapy*, 2(3), (pp.119-134).
- Krug, E. & Dahlberg, L. & Mercy, J. & Zwi, A. & Lozano, R. (2002). *World Report on violence and health*. Geneva: World Health Organization.
- Kulkin, H. S. & Williams, J. & Borne, H. F. & Bretone, D., & Laurendine, J. (2007). A review of research on violence in same-gender couples: a resource for clinicians. *Journal of Homosexuality*, (pp. 53-54), (pp.71-87).
- Machado, D. & Fortunado, E. & Silva, M. C. (2014). *Trabalho em Rede. Grupo de Trabalho da Violência ao Longo do Ciclo da Vida – Saúde e Violência ao Longo do Ciclo da Vida*. ARS, Algarve, IP.
- Magalhães, T. (2010) *Violência e Abuso – Respostas Simples para Questões Complexas*, Estado da Arte, Coimbra. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Maia, L. (2012), *Violência Doméstica e Crimes Sexuais, um guia para as vítimas familiares e amigos*, Lisboa: Lidel & Pactor.
- Merrill, G. S., & Wolfe, V. A. (2000). *Battered gay men: An exploration of abuse, help seeking, and why they stay*. New Jersey: Journal of Homosexuality.
- Nunen, A. (2004), «Violência Doméstica entre Casais Homossexuais: O Segundo Armário?». Lisboa: PSICO.
- Pais, E. (1996). Violência(s): Reflexões em torno de um conceito. *InterAcções*, 4, Revista do Instituto Superior de Serviço Social de Coimbra, 23-39).
- Paulino, M. & Rodrigues, M. (2016). *Violência Doméstica – Identificar, Avaliar e Intervir*. (1ªed). Lisboa: Prime Books.
- Peinado, A. & Moura, C. & Almeida, I. A. & Santos, M. & Gaspar, T. (2010), «Violência doméstica – uma abordagem teórica sob a perspetiva das ciências sociais», *Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos*.
- Quaresma, C. (2012). *Violência Doméstica: Da participação da ocorrência à investigação criminal*. Lisboa: Cadernos da Administração, Colação Direitos Humanos e Cidadania,

- Quaresma, C. (2014). Relatório Anual de Segurança Interna 2013. Lisboa: Ministério da Administração Interna.
- Renzetti, C. M. (1988). Violence in lesbian relationships: a preliminary analysis of causal factors. *Journal of Interpersonal Violence*, 3(4), 381-399.
- Renzetti, C. M. (1992). Violent betrayal: partner abuse in lesbian relationships. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Rodrigues, L. & Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2011). A resposta institucional à violência entre casais LGBT: um estudo exploratório. In A. I. Sani (ed.), *Temas em vitimologia*. Coimbra: Almedina.
- Rogers, C. & Wood, J. (1994). *Abordagem centrada na pessoa*. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida e Universidade Federal do Espírito Santo.
- Rogers, C. (1956). *The necessary and sufficient conditions of therapeutic personality change*, 21. *University of Chicago: Journal of Consulting Psychology*.
- Rogers, C. (1975). *A protection motivation theory of fear appeals and attitude change*<sup>1</sup>. *The journal of psychology*, 91(1), 93-114.
- Rogers, C. (1977). *Definições das noções teóricas*. Em Carl Rogers & Marian Kinget (Eds.), *Psicoterapia e relações humanas*, pp. 157-179, vol. I. Belo Horizonte: Interlivros.
- Rogers, C. (1978). *The foundations of the person-centered approach* California: Center for studies of the person.
- Rogers, C. (1983). *Um jeito de ser*. São Paulo: E.P.U.
- Rogers, C. (1985). *Tornar-se Pessoa*. 7ª Edição. Lisboa. Moraes Editores.
- Rogers, C. (1989). *Sobre o Poder Pessoal*, 3ª. Edição, S. Paulo, Martins Fontes Editora.
- Rogers, C. (2004). *Terapia centrada no cliente*. (S. V. Longa, Trad.) Lisboa: Edial. (Obra original publicada em 1951).
- Rogers, C. (2009). *Tornar-se pessoa*. (E. Letras, Trad.) Lisboa: Padrões Culturais. (Obra original publicada em 1961).

- Sani, A. I. (1999). As vítimas silenciosas: A experiência de vitimação indireta nas crianças. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 247-257.
- Sani, A. I. (2000). A experiência subjetiva de crianças vítimas e testemunhas de crimes (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Minho, Braga.
- Sani, A. I. (2002). As crianças e a violência. Narrativas de crianças vítimas e testemunhas de crime. Coimbra: Quarteto Editora.
- Sani, A. I. (2011a). Crianças vítimas de violência: Representações e impacto do fenómeno. Porto: Edições UFP.
- Sani, A. I. (2011b). Temas de Vitimologia: Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais. Coimbra: Almedina.
- Sani, A. I., & Almeida, T. (2011). Violência interpaparental: A vitimação de crianças. In A. I. Sani (Coords.), *Temas de Vitimologia: Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais*. Coimbra: Almedina.
- Santos, A. C. (2013). *Social movements and sexual citizenship in Southern Europe*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Santos, L. & Nogueira, C. (2011), «Sexualidades masculinas, expressão emocional e afectiva: Das (im)possibilidades construídas, às experiências de opressão», Sani, A. I. (Coord.) *Temas de Vitimologia – Realidades emergentes na vitimação e respostas sociais*, Coimbra: Edições Almedina.
- Schouten, M. J. (2011), *Uma sociologia do Género*, Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- Severino, R. (2012), *As Rupturas Conjugais e as Responsabilidades Parentais – Mediação Familiar em Portugal*, Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Silva, M. (1999), *A Igualdade de Género – Caminhos e Atalhos para uma Sociedade Inclusiva*, Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos Humanos.
- Statistics Canada. (2011). *Family Violence in Canada: A Statistical Profile*. Ottawa: Statistics Canada.

- Topa, M. H. (2009), Violência Doméstica em Casais Homossexuais: das representações sociais dos profissionais que trabalham com vítimas à vivência das vítimas. [Dissertação de Mestrado], Universidade do Porto.
- Walker, L. (1979). The Battered Women Syndrome. Nova York: Harper & Row.
- Wise, A. J., & Bowman, S. L. (1997), Comparison of beginning counselors responses to lesbian vs. heterosexual partner abuse. *Violence and Victims*, 12(2), 127-135.
- Vickers, L. (1996). The Second Closet: Domestic Violence in Lesbian and Gay Relationships: A Western Australian Perspective.
- Rogers, C. R., & Wallen, M. ([1946]2000). *Manual de Counselling*. (B. Tomé, & S. Larga, Trans.) Lisboa: Encontro – Coleção Psicologia e Existência.

#### **Webgrafia:**

[http://www.apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/codigo\\_penal.pdf](http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/codigo_penal.pdf) - Código Penal

[http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei\\_mostra\\_articulado.php?nid=199&tabela=leis](http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei_mostra_articulado.php?nid=199&tabela=leis)  
– Código do Processo Penal

[http://www.apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/estatuto\\_da\\_vitima.pdf](http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/estatuto_da_vitima.pdf) - Estatuto da  
Vítima

<http://www.victimsupport.eu/> - Apoio à Vítima

<http://www.amcv.org.pt/>

<http://www.acm.gov.pt/> - Alto Comissariado para as Migrações

[http://www.apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/DL\\_61\\_91.pdf](http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/DL_61_91.pdf) - Proteção às mulheres  
vítimas de violência

[http://www.apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/alt\\_indem\\_cv\\_vd.pdf](http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/alt_indem_cv_vd.pdf) - Indemnização às  
vítimas de violência doméstica

[http://www.apav.pt/apav\\_v3/images/pdf/crimin\\_informatica.pdf](http://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/crimin_informatica.pdf) - Criminalidade  
Informática